

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS E BRADESCO APRESENTAM:

F A O

27º FESTIVAL
AMAZONAS
DE ÓPERA

DIREÇÃO GERAL: CAIO ANDRÉ PINHEIRO DE OLIVEIRA

DIREÇÃO ARTÍSTICA: LUIZ FERNANDO MALHEIRO

DE 19ABR
A 31MAI



MANAUS
AMAZONAS

FAO 27º FESTIVAL AMAZONAS DE ÓPERA

DIREÇÃO GERAL: CAIO ANDRÉ PINHEIRO DE OLIVEIRA

DIREÇÃO ARTÍSTICA: LUIZ FERNANDO MALHEIRO



Lei Rouanet

APRESENTA



PARCERIA



APOIO



Secretaria de
Estado de Educação
e Desporto Escolar

Secretaria de
Estado de Cultura e
Economia Criativa



GOVERNO DO
AMAPÁ
A FORÇA DA NOSSA GENTE

REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA
CULTURA



DO LADO DO POVO BRASILEIRO

**A gente
valoriza
a cultura.
A cultura
valoriza
as pessoas.**

Bradesco, patrocinador oficial
do Festival Amazonas de Ópera.



“Seja bem-vindo ao maior espetáculo de ópera da Amazônia.

É com grande alegria que o Governo do Estado do Amazonas apresenta mais uma edição do Festival Amazonas de Ópera (FAO), um evento que celebra a força criativa e o talento dos artistas da nossa terra.

Consolidado no calendário cultural, o FAO se firmou como um dos mais importantes polos de difusão da ópera na América Latina, projetando a produção amazonense para além das nossas fronteiras.

A você que ocupa uma das poltronas deste majestoso Teatro Amazonas, reforço: o festival é uma vitrine singular da nossa riqueza cultural, revelando ao mundo a qualidade e a sensibilidade dos nossos artistas.

A realização é da dedicada Secretaria de Cultura e Economia Criativa, que segue promovendo o acesso da população a espetáculos de alto nível, ao mesmo tempo em que fortalece e valoriza a produção artística local.

Ao longo de aproximadamente um mês, o Amazonas se transforma em palco para grandes apresentações da música, do teatro e do canto lírico. Nesta 27ª edição, o público poderá vivenciar essa experiência entre os dias 19 de abril e 31 de maio de 2026.

Entre os destaques da programação está a encenação de *Salvator Rosa*, do compositor brasileiro Carlos Gomes, fruto de uma coprodução entre o FAO, o Theatro Municipal do Rio de Janeiro e o Instituto Música Brasília.

Mais do que um evento cultural, o festival também movimenta a economia do estado, com um impacto estimado em cerca de R\$198 milhões durante sua realização.

Em nome do Governo do Amazonas, convido você a viver intensamente esta experiência e a se encantar com o melhor da arte e da cultura produzidas em nossa terra.

Excelente festival a todos!”



Roberto Maia Cidade Filho

Governador Interino do Amazonas



“Manaus não apenas assiste à ópera; ela a respira. Ao abriremos as cortinas da 27ª edição do Festival Amazonas de Ópera (FAO), não estamos apenas dando continuidade a um calendário, mas renovando um pacto secular entre a exuberância da floresta e a sofisticação da voz humana.

O Teatro Amazonas, essa joia erguida no auge do ciclo da borracha, volta a cumprir sua vocação mais profunda: ser o epicentro de um fenômeno que ecoa do coração da Amazônia para as plateias do mundo.

O FAO é, por natureza, uma força de grandeza. Sob as diretrizes do governador Wilson Lima, reafirmamos que a cultura erudita não é um eco do passado, mas um organismo vivo que pulsa em nossos corpos artísticos e transforma o Largo de São Sebastião em um solo fértil de convivência. É ali, naquele quadrilátero histórico, que a economia criativa se manifesta em sua forma mais pura, gerando oportunidades, movimentando o turismo e provando que a arte é um motor potente de desenvolvimento social e econômico.

Mais do que espetáculos, entregamos um legado. Ver famílias ocupando as galerias — do olhar curioso da criança à memória afetiva do idoso — é a certeza de que estamos cultivando um hábito que atravessa gerações. A ópera em Manaus é um patrimônio que se herda e se vive.

Nesta edição, convidamos cada espectador a se deixar tocar por essa experiência sensorial única. Apoiar o Festival Amazonas de Ópera é acreditar na permanência da nossa identidade e

no fortalecimento de uma cultura que, assim como nossos rios, é profunda, caudalosa e essencialmente brasileira.

Sejam bem-vindos ao espetáculo. A Amazônia canta, e o mundo se cala para ouvir.”



Caio André Pinheiro de Oliveira

Secretário de Estado de Cultura e Economia Criativa

Secretaria de
Estado de Cultura e
Economia Criativa



“Tradição e futuro: vida nova para Carlos Gomes e as fronteiras contemporâneas da ópera

Chegamos à 27ª edição do Festival Amazonas de Ópera com a certeza de que este evento se consolidou não apenas como um marco de resistência cultural, mas como um laboratório vibrante de criação artística na Amazônia. Neste ano, celebramos o centenário de *Turandot*, de Puccini, na abertura, mas é com o coração voltado para a nossa própria história que assumimos o desafio de trazer de volta à cena *Salvator Rosa*, de Carlos Gomes, em uma coprodução inédita com o Theatro Municipal do Rio de Janeiro e o Instituto Música Brasilis.

A programação deste ano é um reflexo do que acreditamos ser o papel do festival: um ponto de encontro entre o repertório consagrado e as novas fronteiras da cena lírica. Receberemos a Cia. Lírica Disidente, do Chile, que nos instiga com uma montagem imersiva de *Winterreise*, de Schubert, desafiando as convenções do formato recital.

Ao mesmo tempo, em parceria com o programa Cascais Ópera, trazemos ao Brasil para cantar em *Salvator Rosa* o vencedor do Prêmio Carlos Gomes, Sunu Sun, um talento que representa a nova geração do canto. Ao lado de nomes consagrados como Eiko Senda, Daniella Carvalho, Juremir Vieira, Luiz-Ottavio Faria e Enrique Bravo, reafirmamos nosso compromisso com a excelência artística e o intercâmbio internacional.

Outra novidade será o espetáculo inclusivo *Mãos à Ópera - Prólogo*, especialmente pensado para o público infantil, concebido e apresentado pela soprano Daniella Carvalho.

Programar uma temporada que traz composições de Puccini, Leoncavallo e Giordano, no Concerto Lírico, até a raridade de apresentar *La Favorite*, de Donizetti, pela primeira vez no Brasil em sua versão original francesa, é uma oportunidade ímpar de mostrar a versatilidade e a maturidade dos nossos corpos artísticos.

Celebro ainda a comenda recebida pelo festival, a maior honraria concedida pela Presidência da República: a Ordem do Mérito Cultural. É um reconhecimento que indica que cada acorde do FAO, cada ensaio geral aberto e cada palestra em escola pública é uma semente plantada para o futuro.

Que esta edição de 2026 do FAO seja lembrada pelo equilíbrio entre resgatar o passado e a coragem de abrir espaço para o novo.”



Luiz Fernando Malheiro

Maestro e Diretor Artístico do FAO

“ Nos meses de abril e maio, o majestoso Teatro Amazonas abre, mais uma vez, suas cortinas para celebrar o canto lírico com a realização do Festival Amazonas de Ópera.

Neste ano verdadeiramente histórico, o Teatro Amazonas celebra 130 anos de existência, reafirmando sua grandiosidade como símbolo da cultura brasileira e do orgulho amazonense. Ao mesmo tempo, avança em uma importante jornada ao lado do Theatro da Paz, em campanha para integrar a seleta lista de Patrimônio Mundial Cultural, título concedido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco.

Essa candidatura representa muito mais do que um reconhecimento internacional: ela revela ao mundo aquilo que nós amazonenses guardamos com orgulho em nossa memória e em nosso coração — o valor universal excepcional deste monumento das artes e da cultura, erguido no período em que Manaus vivenciava o apogeu econômico proporcionado pelo ciclo da borracha, e que permanece, até hoje, como um dos maiores símbolos da nossa identidade cultural.

Ao longo de sua trajetória, o Festival Amazonas de Ópera consolidou-se como um dos maiores patrimônios culturais do Estado, desempenhando papel essencial na geração de emprego e renda, na valorização dos talentos locais e na formação de artistas e técnicos que mantêm viva a tradição lírica na região. A criação da Central Técnica de Produção, integrada à estrutura do



Teatro Amazonas, fortaleceu ainda mais essa missão, tornando-se referência na confecção e preservação de cenários, figurinos e adereços que dão vida às grandes produções artísticas realizadas pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa.

Mais do que um festival, o FAO tornou-se um verdadeiro movimento cultural, responsável por aproximar a população da ópera e do canto lírico, além de projetar o Amazonas para o cenário nacional e internacional, atraindo visitantes e admiradores da arte vindos de diferentes partes do mundo.

Neste momento tão especial, nós, funcionários do Teatro Amazonas, representando todos os setores — acervo, administrativo, bilheteria, direção, espetáculos, logística, programação, técnica e turismo — celebramos com orgulho esta história construída ao longo de gerações. Cuidamos deste patrimônio com dedicação e carinho, preparando cada detalhe para receber a 27ª edição do Festival Amazonas de Ópera (FAO).

Que este seja um tempo de celebração, memória e encantamento.

Que as cortinas se abram, que a música ecoe e que venham os artistas, técnicos e o público celebrar conosco mais um capítulo desta história grandiosa.”



Elizabeth Cantanhede

Diretora do Teatro Amazonas



“ Produzir a 27ª edição do Festival Amazonas de Ópera é reafirmar que a arte lírica pode e deve dialogar com todos os públicos, rompendo barreiras geográficas, sociais e sensoriais. Neste ano, temos a honra de anunciar uma realização que exemplifica essa visão: a coprodução tripartite de *Salvator Rosa*, unindo forças com o Theatro Municipal do Rio de Janeiro e com o Instituto Música Brasilis.

Essa parceria institucional, somada ao apoio do programa Cascais Ópera que nos permite trazer um jovem talento vencedor do Prêmio Carlos Gomes, mostra como a união de esforços pode viabilizar projetos de grande porte, garantindo a circulação de artistas e a partilha de conhecimento entre diferentes teatros e companhias líricas.

Soma-se ainda a montagem imersiva de *Winterreise*, de Schubert, proposta pela companhia chilena Lírica Disidente. Uma proposta disruptiva e que traz para o centro do espetáculo as novas tecnologias digitais, permitindo a participação ativa do público e o compartilhamento ao vivo em redes sociais.

Nosso compromisso, entretanto, vai além dos holofotes. Pela primeira vez, o festival apresenta uma ação estruturada de acessibilidade e inclusão com o espetáculo *Mãos à Ópera - Prólogo*, uma apresentação aberta ao público, concebida especialmente para crianças, também aberta ao público geral. Essa iniciativa demonstra que a ópera pode ser um espaço de acolhimento e pertencimento.

Da mesma forma, a série de seis palestras gratuitas em escolas e instituições públicas é um dos pilares de uma gestão que entende a formação de plateia como uma ação continuada e essencial para a ópera e para a produção cultural do país.

A logística de uma temporada de mais de um mês, com apresentações no Teatro Amazonas, ICBEU, no Centro Cultural Palácio da Justiça e outros espaços, é um desafio diário que encaramos com paixão. Ver os ingressos se esgotarem em poucas horas é a nossa maior recompensa. E ver o FAO reconhecido pelo Governo Federal com a maior condecoração pública da Cultura brasileira, a Ordem do Mérito Cultural, recebida em 2025, nos dá a certeza de estarmos no caminho certo.

De 19 de abril a 31 de maio de 2026, convidamos a todos a fazer parte dessa jornada. Que o FAO continue inspirando muitos aplausos e também a certeza de que a ópera, na Amazônia, está mais viva e inclusiva do que nunca.

Que esta edição de 2026 do FAO seja lembrada pelo equilíbrio entre resgatar o passado e a coragem de abrir espaço para o novo.”



Flávia Furtado

Diretora Executiva do FAO

FFAO FUNDO FESTIVAL
AMAZONAS
DE ÓPERA



PROGRAMAÇÃO

19/04 | 19h

TEATRO AMAZONAS

TURANDOT, GIACOMO PUCCINI

Libreto de **Giuseppe Adami e Renato Simoni**

Seleção de trechos da ópera, em comemoração aos 100 anos da estreia.

CORAL DO AMAZONAS

AMAZONAS FILARMÔNICA

Luiz Fernando Malheiro, direção musical e regência

22, 24 e 25/04 | 19h

ICBEU MANAUS

WINTERREISE - VIAGEM DE INVERNO, F. SCHUBERT

Cia. Lírica Disidente, Chile

QUINTETO DE CORDAS DA AMAZONAS FILARMÔNICA

26 e 28/04 | 19h

TEATRO AMAZONAS

CONCERTO LÍRICO

AMAZONAS FILARMÔNICA

Direção Musical e Regência - **Luiz Fernando Malheiro**

01/05 | 17h

TEATRO AMAZONAS

MÃOS À ÓPERA - PRÓLOGO

Introdução Inclusiva ao mundo da ópera

Daniella Carvalho, concepção, texto e soprano

Ana Vanessa, direção cênica

03/05 | 19h

ICBEU MANAUS

AMOR DE POETA, O AMOR EM LÁGRIMAS

ORQUESTRA DE CÂMARA DO AMAZONAS

Direção Musical e Regência - **Marcelo de Jesus**

Direção Cênica - **Fernando Portari**

15, 17 e 19/05 | 19h

TEATRO AMAZONAS

SALVATOR ROSA, CARLOS GOMES

Libreto de **Antonio Ghislanzoni**

BALÉ FOLCLÓRICO DO AMAZONAS

CORAL DO AMAZONAS

AMAZONAS FILARMÔNICA

Direção Musical e Regência - **Luiz**

Fernando Malheiro

Otávio Simões, regência (dia 17)

Direção Cênica - **Julianna Santos**

27, 29 e 31/05 | 19h

TEATRO AMAZONAS

LA FAVORITE, GAETANO DONIZETTI (ÓPERA EM CONCERTO)

Libreto de **Alphonse Royer e Gustave Vaëz**

CORAL DO AMAZONAS

AMAZONAS FILARMÔNICA

Direção Musical e Regência - **Marcelo de Jesus**

21 e 23/04 | 19h

ICBEU MANAUS

08, 09, 23 e 24 | 19h

Centro Cultural Palácio da Justiça

Recitais BRADESCO



DIREÇÃO GERAL: CAIO ANDRÉ PINHEIRO DE OLIVEIRA
DIREÇÃO ARTÍSTICA: LUIZ FERNANDO MALHEIRO

27º FESTIVAL AMAZONAS DE ÓPERA
de 19 de abril a 31 de maio de 2026

Direção Artística: Luiz Fernando Malheiro

Direção Executiva: Flávia Furtado

PROGRAMAÇÃO COMPLETA

19 de abril às 19h, no Teatro Amazonas

**Concerto de Abertura
do 27º FAO
Turandot (seleções da ópera)**

Giacomo Puccini

Libreto de Giuseppe Adami e Renato Simoni
Seleção de trechos da ópera, em comemoração aos 100 anos da estreia

Turandot: **Eiko Senda**, soprano
O príncipe desconhecido (Calaf):
Juremir Vieira, tenor
Liù: **Dhijana Nobre**, soprano
Timur: **Luiz-Ottavio Faria**, baixo
O Imperador Altoum: **Fabiano Cardoso**, tenor
Mandarim / Ping: **Joubert Júnior**, barítono

**CORAL DO AMAZONAS
AMAZONAS FILARMÔNICA**

Luiz Fernando Malheiro, direção musical e regência

Sinopse:

Ato I

Em Pequim, a princesa Turandot submete seus pretendentes a três enigmas; quem falha é executado. O príncipe desconhecido Calaf assiste à execução de um derrotado e, apesar dos avisos, decide enfrentar a prova. Reconhece seu pai exilado e a escrava Liù, que o ama, mas golpeia o gongo e aceita o desafio.

Ato II

Os ministros Ping, Pang e Pong comentam, com ironia e nostalgia, a violência do regime e sonham com uma vida pacífica. Na cena pública, Turandot justifica sua recusa ao amor evocando uma ancestral violentada.

Calaf resolve os enigmas; diante da recusa da princesa, propõe o pacto: se ela descobrir seu nome até o amanhecer, ele morrerá.

Ato III

Turandot ordena que ninguém durma até que o nome seja revelado. Calaf é procurado; seu pai e Liù são capturados. Para protegê-lo, Liù afirma ser a única a conhecer o nome e resiste à tortura; acaba se suicidando. Diante desse sacrifício, Calaf revela seu nome a Turandot. No final, ela proclama ao imperador que o nome do estrangeiro é "Amor", aceitando a união.

Comentário:

O fim da ópera.

O gênero da ópera, tal como se constituiu historicamente como grande espetáculo público de ampla adesão, nasce em 1607 com *L'Orfeo*, de Monteverdi, e encontra com *Turandot*, de Puccini, em 1926, sua morte.

Isso não significa que a arte da ópera tenha deixado de existir: depois de Turandot muitos outros compositores escreveram óperas, e continuam a fazê-lo, felizmente, até hoje.

No entanto, a ópera como plenamente inserida no gênero histórico em que obtinha adesão popular imediata termina bruscamente com *Turandot*. O que vem depois não é continuidade, mas deslocamento. *Lady Macbeth de Mtsensk*, de Shostakovich, ou *Peter Grimes*, de Britten, por exemplo, são formidáveis obras-primas. Contudo não pertencem mais ao mesmo "ecossistema". Não possuem a mesma notoriedade, não geram árias que se tornam

conhecidas universalmente como “Nessun dorma” (excetuo aqui o caso especialíssimo de *Porgy and Bess*, escrita por Gershwin). Exigem um público preparado e deixam de funcionar como repertório de massa. Ou seja, não são sucessoras de *Turandot*, são outra coisa.

Antes, a ópera ocupava um lugar central na vida cultural urbana. Depois, esse será papel do cinema com uma capacidade de difusão incomparavelmente maior. A ópera, como gênero, torna-se então arte a ser conservada com apuro para um público qualificado.

Giacomo Puccini levou ao limite um sistema que lhe chegava do século XIX: melodismo direto, teatralidade eficaz, integração entre cena e música sem ruptura formal radical, apelo amplo e não apenas de nicho. Depois disso, esse modelo entra em crise.

Não que Puccini fosse um retrógrado. Ele soube absorver seletivamente o que acontecia na música mais “moderna” de seu tempo. Em *Turandot*, empregou harmonias “duras”, escalas não tradicionais e orquestração complexa, percussiva, organizando muitas vezes a música por blocos sonoros.

Mas Puccini traduz a modernidade em termos de eficácia teatral. Nunca perde de vista que escreve para o teatro. *Turandot* é moderna sem proceder a nenhuma ruptura: tensiona ao máximo um sistema antigo com materiais novos.

O próprio compositor parece sentir a crise: desde *Madama Butterfly*, de 1904, que não obtinha o sucesso fulgurante e duradouro de suas primeiras óperas. Com *Turandot*, dá uma guinada. Rompe com os libretos intimistas, cujo fulcro sentimental era o motor dramático. Retoma a concepção da ópera como grande espetáculo, mas concebendo-a como unidade compacta, vibrando de tensão nervosa. A força sonora de *Turandot* é tal que a música se torna física ao inventar um universo cruel, mecânico, ritualizado até a violência.

Em *Turandot*, Puccini empregou temas chineses reais, produzindo com eles efeitos poderosos graças às massas corais, à percussão insistente, ao brilho orquestral extremo. Mas sua ópera não abre novos caminhos, não tem sucessores à sua altura. *Turandot* é um monumento póstumo a um mundo que se extinguiu. Puccini morre antes de terminar essa ópera: há algo de simbólico nesse duplo final.

Na estreia da ópera, em 1926, o regente Arturo Toscanini chega à última página autografa da partitura, vira-se para o público e diz: “Aqui, o Maestro largou a pena.” Nas apresentações seguintes, a ópera é concluída com um final encomendado ao compositor Franco Alfano, que se inspirou em rascunhos deixados por Puccini. Alfano fez o que deveria ter feito: terminou em tom monumental, coerente com a escala da obra, levando a música à excluir qualquer sentimentalismo.

O tema da ópera é muito antigo e o nome da heroína vem do persa: Turandokht, ou seja, a filha de Turan (Turan é uma antiga região da Ásia). Sua presença na cultura do Ocidente é constatada desde o século XVIII. Esse caráter distante fez surgir, em Puccini,

um exotismo imaginário, e uma heroína que exerce violência direta, consciente e reiterada contra outra mulher, numa ferocidade fria, não episódica, mas constitutiva do personagem. Nas suas óperas anteriores, as mulheres eram também esmagadas, mas por homens, ou por estruturas sociais masculinas.

Turandot é diferente de *Mimi*, *Butterfly* ou *Tosca*. Não é vítima, não é mediada por homens, não é suavizada por empatia inicial. A dura princesa impõe a Puccini uma ópera ritualisticamente bárbara, em que consuma um sacrifício humano impiedoso, em nome de um amor que nasce da violência.

Jorge Coli

FA O

27º FESTIVAL
AMAZONAS
DE ÓPERA



**21 de abril às 19h, no Teatro
ICBEU Manaus**

Recital Bradesco I

Mozart 270

Mirian Abad, soprano
Samanta Costa, mezzo-soprano
Emanuel Conde, baixo
Marcelo de Jesus, piano

**23 de abril às 19h, no Teatro
ICBEU Manaus**

Recital Bradesco II

**Art School Concerts – Coisas de
Ópera**

Dhijana Nobre, soprano
Thalita Azevedo, mezzo
Emanuel Conde, baixo
Renan Branco, piano

**22, 24 e 25 de abril às 19h, no
Teatro ICBEU Manaus**

Viagem de Inverno

Franz Schubert
Winterreise, ciclo de canções D.911

CIA. LÍRICA DISIDENTE (Chile)
Ignacio Ramirez, direção cênica e
baixo
Ayrton Pereyra, Designer visual e
técnico

QUINTETO DE CORDAS DA AMAZONAS FILARMÔNICA

Ariel Sanches, violino I.
Caio Paiva dos Santos, violino II.

Gretchen Labrada, viola
Mirella Righini, violoncelo
Miroslava Krastanova, contrabaixo



PROGRAMA:

1. Gute Nacht (Boa noite)

O viajante parte da casa da amada durante a noite. Chegou como estranho e partiu como estranho.

2. Die Wetterfahne (O catavento)

O catavento no telhado simboliza a inconstância da amada.

3. Gefrorne Tränen (Lágrimas congeladas)

As lágrimas brotam ardentes, mas congelam antes de cair.

4. Erstarrung (Entorpecimento)

Procura vestígios do amor passado na paisagem gelada. Tudo está congelado, inclusive o coração.

5. Der Lindenbaum (A tilia)

A árvore evoca descanso e felicidade passados. Os galhos o chamam, mas ele segue adiante.

6. Wasserflut (Inundação)

As lágrimas caem na neve. O sofrimento interior invade o mundo exterior.

7. Auf dem Flusse (Sobre o riacho)

O rio congelado oculta a corrente. Sob a superfície, há agitação, como no coração do poeta.

9. Irrlicht (Fogo-fátuo)

O poeta segue uma luz enganosa. Todo sofrimento leva à sepultura.

10. Rast (Descanso)

O poeta encontra um abrigo, mas seu repouso não traz alívio.

11. Frühlingstraum (Sonho de primavera)

Sonho de flores, amor e calor. Ao acordar, o inverno é ainda mais duro.

12. Einsamkeit (Solidão)

Caminhada solitária por uma paisagem deserta.

14. Der greise Kopf (A cabeça grisalha)

A geada embranquece seus cabelos. Deseja envelhecer, como se a vida já estivesse terminada.

15. Die Krähe (O corvo)

Um corvo o segue. É um presságio de morte.

20. Der Wegweiser (A placa)

As placas indicam os caminhos comuns, mas o poeta escolhe a via solitária, sem retorno.

21. Das Wirtshaus (A pousada)

O cemitério aparece como abrigo. O poeta busca descanso definitivo, mas não o encontra.

23. Die Nebensonnen (Os sóis falsos)

Há no céu três sóis ilusórios no céu. O poeta prefere a escuridão.

24. Der Leiermann (O tocador de realejo)

Encontra o velho tocador de realejo que repete mecanicamente sua melodia. Aproxima-se dele, interrogando-se sobre a semelhança entre ambos

Comentário:

De Johann Wolfgang von Goethe a Richard Wagner, o imaginário romântico alemão fez brotar a figura do viandante. Em seus extremos, a errância deixa de ser formadora e perde sua finalidade, como se o indivíduo tivesse sido atirado sem socorro na existência.

Franz Schubert exasperou essa concepção no ciclo de canções *Winterreise*, a *Viagem de Inverno*. Escreveu-o em 1827, ano em que morreu o autor das poesias, Wilhelm Müller, e um ano antes de sua própria morte: circunstâncias que coincidem de modo sugestivo com o imaginário romântico.

Schubert compartilha com Müller a mesma inclinação pela experiência do deslocamento, pela linguagem direta e simples.

Nos poemas há traços de narratividade, alguma ironia, vestígios de um mundo reconhecível onde o poeta pode se situar. O compositor radicaliza esse material e bloqueia as saídas. Isola algumas frases ou palavras para reiterá-las, emprega harmonias que tornam ambíguo o que era ainda claro. O piano não faz apenas um acompanhamento, mas cria um estado mental. Müller sugere uma viagem e Schubert a transforma num processo de desagregação que, de modo algum, "ilustra" o que escreveu o poeta. Não é ilustração; as teclas revelam murmúrios, tremores, passos, vento, sobretudo estabelece um nível psíquico que o texto não explicita: há momentos em que a voz diz uma coisa e elas já dizem outra, mais sombria.

O ser romântico avança porque não pode parar. Está radicalmente deslocado, pois sente-se expulso do amor, da casa, da comunidade, sem retorno possível. Em *Winterreise*, tudo isso provoca uma volúpia que se alimenta de sofrimento, em uma espécie de masoquismo sentimental.

Schubert é tomado por melancolia seca, obsessiva, repetitiva, implacável. Ela manifesta a condenação de existir e de sofrer sem horizonte consolador.

É tentador buscar no grande pintor romântico alemão, Caspar David Friedrich, uma equivalência para o princípio de travessia, que encontramos em *Winterreise*. Sua obra mais famosa é *O Viajante sobre o Mar de Névoa*, de 1818. Nela, um homem, no alto de um penhasco, contempla a paisagem brumosa. Está de costas, como se nos convidasse a contemplá-la também.

Em Friedrich, no entanto, a angústia se abre para uma dimensão espiritual. Há nele um sentimento de religiosidade em comunhão com a natureza e, ao contemplá-la, eleva-se a uma salvação pela transcendência divina.

A travessia de *Winterreise* não comporta a transcendência ou a redenção. O homem é um irremediável caminhante, como atesta o início do ciclo: "Como um estranho cheguei, como um estranho parto novamente." Que se conclui com o *Leiermann*, o homem do realejo: Schubert escreve aqui uma melodia simples e repetitiva, na qual não há horizonte, não há abertura metafísica, e qualquer promessa de futuro colapsa. Sua viagem é a de um inverno sem fim, e seu viandante não chegará a nenhuma primavera.

Boa parte das composições de Schubert está voltada para a intimidade. Em sua época, havia em Viena as Schubertiaden, reuniões musicais privadas e informais, organizadas pelo círculo de amigos do compositor, nas quais suas obras eram executadas, discutidas e partilhadas. Não eram concertos públicos, eram encontros em casas particulares e o principal espaço de circulação da obra de Schubert em vida. O lied schubertiano, com sua escala contida, sua intensidade interior, sua relação estreita com a palavra, corresponde perfeitamente a esse ambiente. Sobretudo, como no caso de Winterreise, significa um círculo restrito de escuta, capaz de reconhecer e partilhar esses sentimentos intensos.

Ocorre aqui um paradoxo: a escala das apresentações é íntima, bastando voz e piano numa sala pequena. Essa música, feita para poucos eleitos num espaço doméstico, ameno, cria um universo doloroso e sem abrigo, no qual a interioridade se torna o próprio cenário do desamparo. Quanto mais concentrados são os meios, mais ilimitado se revela o abismo: a proximidade não consola, intensifica a vertigem de uma subjetividade que se dissolve. Assim, Winterreise realiza uma operação radical pois no espaço protegido do íntimo, faz emergir a experiência do abandono.

Jorge Coli



26 e 28 de abril às 19h, no Teatro Amazonas

Concerto Lírico

PROGRAMA:

Ermanno Wolf-Ferrari

Intermezzo n.2 da ópera "I gioielli della Madonna"

Pietro Mascagni

Intermezzo do ato III da ópera "L'Amico Fritz"

Giacomo Puccini

Ópera "Madama Butterfly": dueto Cio-Cio San e Sharpless "Ora a noi, sedete qui"

Modest Mussorgsky/Nikolai Rimsky-Korsakov

Entracte do ato IV. da ópera "Khovanshchina"

Jules Massenet

Meditação do Ato II. da ópera "Thaïs" -

Ariel Sanches, violino

Umberto Giordano

"Nemico della patria", do Ato III. da ópera "Andrea Chénier"

Ruggiero Leoncavallo

Intermezzo da ópera "Pagliacci"

Umberto Giordano

da ópera "Fedora":

- "Rígida è assai la sera... O grandi occhi lucenti di fede!"

- "Amor ti vieta"

- Intermezzo do ato II.

- dueto - finale secondo

Cio-Cio San (Madama Butterfly) / Princesa Fedora Romazov (Fedora):

Daniella Carvalho, soprano

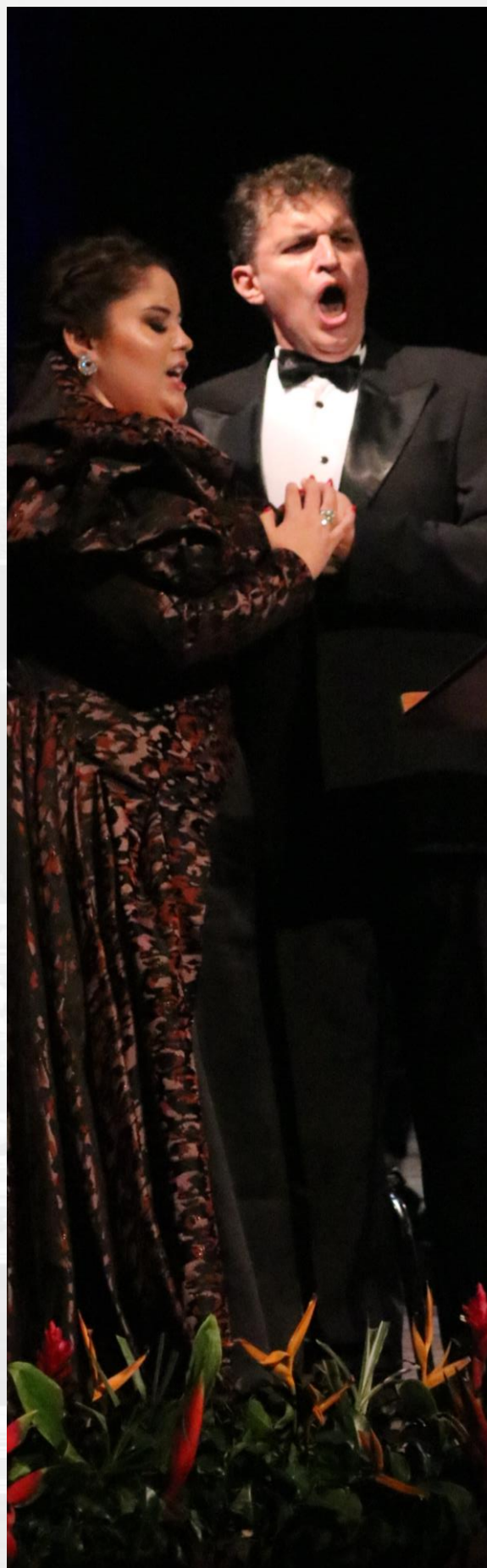
Sharpless (Madama Butterfly) / Carlo Gerard (Andrea Chénier):

Sunu Sun, barítono

Conde Loris Ipanov: **Juremir Vieira**, tenor

AMAZONAS FILARMÔNICA

Luiz Fernando Malheiro, direção musical e regência



01 de maio às 17h, no Teatro Amazonas

Mãos à Ópera – Prólogo

Uma introdução inclusiva ao mundo da ópera

Daniella Carvalho, concepção, texto e soprano

Leticia Medella, atriz / palhaça

Vitor Philomeno, piano

Ana Vanessa, direção cênica

O **Mãos à Ópera** é um projeto artístico-educativo que tem como objetivo aproximar crianças do universo da ópera por meio de uma experiência sensível, acessível e participativa. Diferentemente do modelo tradicional de fruição, a proposta promove um primeiro contato em que o público infantil é convidado a experimentar, por meio do corpo e da voz, os elementos que constituem esse gênero. Busca-se, assim, favorecer a compreensão da linguagem operística de forma concreta e significativa, reduzindo sua percepção como algo distante ou inacessível. O projeto também se estrutura a partir de princípios de inclusão, incorporando recursos de comunicação alternativa e estratégias de acolhimento sensorial, de modo a garantir a participação efetiva de diferentes perfis de crianças. Dessa forma, cada participante pode vivenciar a ópera de acordo com sua própria forma de percepção, desenvolvendo um entendimento mais amplo e experiencial dessa expressão artística.

03 de maio às 19h, no Teatro Amazonas

Amor de poeta, o amor em lágrimas

Robert Schumann

Dichterliebe (Amor de Poeta)

Claudio Santoro

Prelúdios e Canções de Amor

Carla Rizzi, mezzo-soprano

Fernando Portari, concepção, direção cênica e tenor

ORQUESTRA DE CÂMARA DO AMAZONAS

Marcelo de Jesus, transcrições, direção musical e regência

Apresentação do programa: Amor de Poeta, o Amor em Lágrimas

O espetáculo apresenta a trajetória do poeta que, no fundo da noite, em seu quarto, mergulha no mundo onírico dos sonhos e memórias, despertando a musa. Ela se faz presente e encarna seu propósito. O poeta vivencia as delícias e as dores do amor, enquanto a musa se transforma em amante, mãe e companheira, sendo a ponte da transcendência da vida em poesia e música.

Naquele quarto, é difícil saber o que é real, apesar de tudo parecer tão concreto. A musa se perturba ao perceber que também foi tocada pela humanidade do poeta e lamenta a impossibilidade da realização desse amor.

Ao fim da noite, o poeta, exausto, busca refúgio no vazio, e a musa se despede, tendo se tornado definitivamente outro ser, transmutada pelo amor do poeta.

O dia chega vermelho, como a paixão que o ser celeste experimentou, e o ciclo da vida se renova em um final comovente.

Dichterliebe, com música de Schumann sobre textos de um dos mais influentes poetas românticos, Heinrich Heine, revolucionou a linguagem da canção e se tornou um marco do Romantismo alemão. As Canções de Amor, parceria “inusitada” do compositor manauara Claudio Santoro com o poeta Vinicius de Moraes, consagrado mundialmente por suas parcerias com Tom Jobim, como nas célebres canções Garota de Ipanema e Eu Sei que Vou Te Amar, são dois exemplos de ciclos que se dedicam à mais humana das emoções, o amor.

A princípio, poderia se imaginar que não haveria um diálogo direto entre Schumann e Heine e Santoro e Vinicius, mas, ao cruzarmos as primeiras fronteiras entre esses dois universos, separados por tempo e culturas, nos deparamos com o milagre da arte de expressar a vida de maneira universal e atemporal. É a partir dessa experiência que passamos a enxergar muito mais semelhanças do que diferenças entre esses dois ciclos memoráveis.

É curioso notar que Heine inspirou Castro Alves a escrever o maior poema épico brasileiro, O Navio Negreiro, a partir de um poema seu intitulado Das Sklavenschiff, no qual retrata a condição dos prisioneiros de um navio negreiro aportado no Rio de Janeiro. Heine influenciou poetas e escritores brasileiros fundamentais, como Machado de Assis, Gonçalves Dias e Manuel Bandeira, e é possível imaginar que algo semelhante tenha ocorrido entre Schumann e Santoro,

sugerindo que a influência do ciclo alemão do século XIX sobre o ciclo brasileiro do século XX seja mais direta do que uma simples coincidência.

Não é à toa que o ciclo de Santoro divide com o célebre ciclo das Serestas de Villa-Lobos o lugar entre os mais importantes da história da canção brasileira de concerto.

Dessa forma, o desdobramento dessas duas joias musicais em forma de espetáculo surge como um apelo a um mundo que, por vezes, acredita ser composto por povos distantes entre si, amedrontados pelas diferenças, quando, no fundo, pulsam corações muito mais próximos e solidários do que se possa imaginar.

Para dar ainda mais densidade ao projeto, o maestro Marcelo de Jesus propôs transpor os dois ciclos, originalmente escritos para piano, criando ele mesmo versões orquestrais das obras, especialmente pensadas para a OCA, Orquestra de Câmara do Amazonas. Esse gesto amplia as sonoridades e permite imaginar um espetáculo com dimensão teatral e certo peso operístico, transcendendo o ambiente musical e oferecendo uma experiência cênica nesse momento especial do Festival Amazonas de Ópera, abrindo novos caminhos para a emoção do universo lírico.

No programa, dois intérpretes conhecidos do público manauara, o tenor Fernando Portari e a mezzo-soprano Carla Rizzi.

Fernando Portari
Concepção e Direção Cênica

“TRANSCRIAR”

A transcrição sempre ocupou um lugar importante na história da música, não apenas como adaptação, mas como forma de ampliar possibilidades de escuta.

Ao transcrever o *Dichterliebe* para orquestra de cordas, a proposta não é substituir o original, mas oferecer uma nova perspectiva sonora. A escrita pianística se desdobra em diferentes planos, permitindo outras nuances de timbre, fraseado e sustentação.

Esse mesmo princípio orienta o trabalho dedicado às obras de Claudio Santoro, cujos prelúdios e canções de amor foram revisitados em nova formação, preservando sua essência e abrindo novos caminhos interpretativos.

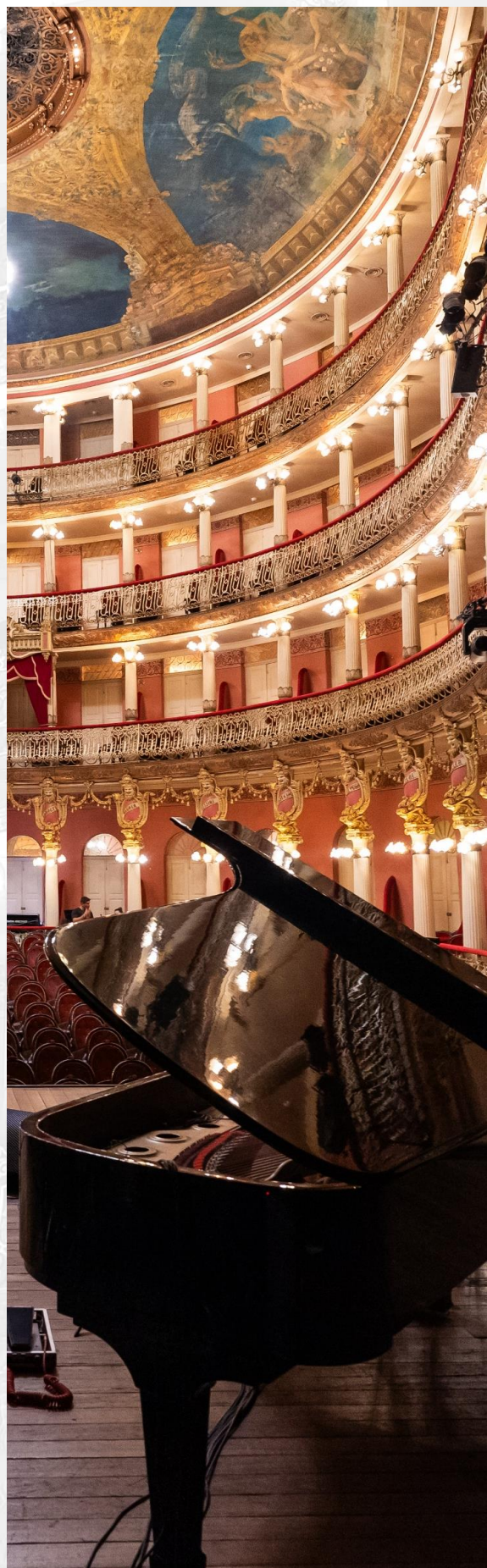
Essa perspectiva dialoga diretamente com a vocação da Orquestra de Câmara do Amazonas.

Desde sua criação, a OCA se define pela abertura estética e pela recusa em se limitar a repertórios convencionais.

Sua trajetória é marcada pela busca constante de novas linguagens, pela aproximação entre universos distintos e pela criação de experiências que colocam a música em contato direto com o nosso tempo.

Mais do que revisitar obras, trata-se de mantê-las vivas, em permanente transformação.

Marcelo de Jesus
Diretor Artístico e Regente
Titular da OCA



08 de maio às 19h, no Centro Cultural Palácio da Justiça

Recital Bradesco III

"Afetos"

MADRIGAL DO AMAZONAS

Preparação vocal: **Natalia Sakouro**
Marcelo de Jesus, piano

08 de maio às 19h, no Centro Cultural Palácio da Justiça

Recital Bradesco IV

"Canções Italianas"

Raquel de Queiroz, mezzo-soprano
Cristhiano Silva, tenor
Juremir Vieira, tenor
Josenor Rocha, barítono
Matheus Alborghetti, piano

15, 17 e 19 de maio às 19h, no Teatro Amazonas

Salvator Rosa, drama lírico em quatro atos

Antônio Carlos Gomes

libreto de Antonio Ghislanzoni

Salvator Rosa: **Enrique Bravo**, tenor
Isabella: **Eiko Senda**, soprano
Duque D'Arcos: **Luiz-Ottavio Faria**, baixo
Masaniello: **Sunu Sun**, barítono
Gennariello: **Maria Gerk**, soprano
Conde de Badajoz: **Cristhiano Silva**, tenor
Fernandez: **Humberto Sobrinho**, tenor
Corcelli: **Emanuel Conde**, baixo
Irmã Ines / Bianca: **Mirian Abad**, soprano
Irmão Lorenzo: **Roberto Paulo Silva**, baixo

BALÉ FOLCLÓRICO DO AMAZONAS

CORAL DO AMAZONAS

AMAZONAS FILARMÔNICA

Luiz Fernando Malheiro, direção musical e regência

Otávio Simões, regência (dia 17)

Julianna Santos, direção cênica

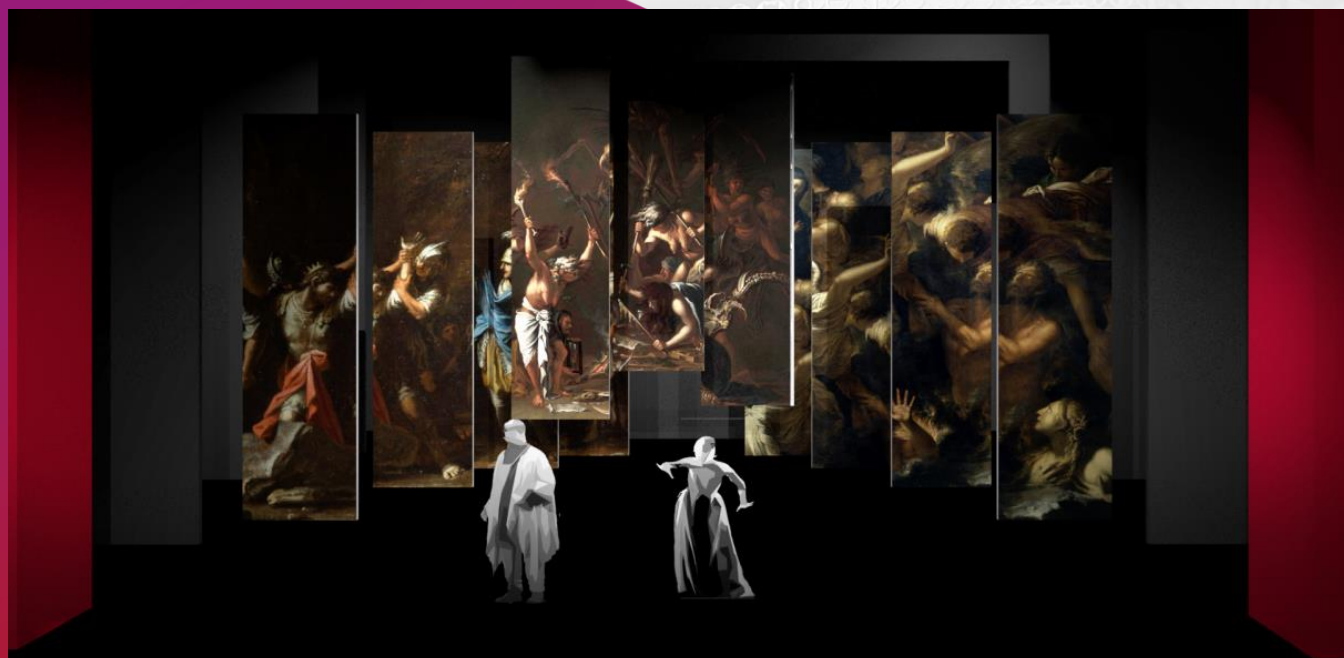
Renato Theobaldo, cenografia

Fernanda Câmara, figurinos

Monique Andrade, coreografia

Kuka Batista, iluminação

Eugênio Lima, visagismo



Sinopse:

Salvator Rosa é uma ópera em quatro atos ambientada em Nápoles durante a revolta de Masaniello contra o domínio espanhol. A ação articula três linhas principais: a conspiração política, o amor entre Salvator e Isabella – filha do vice-rei – e a progressiva desagregação de Masaniello.

No primeiro ato, no ateliê de Salvator, prepara-se a insurreição. O artista adere à causa, apesar de seu temperamento pouco violento, e revela o conflito central: ama Isabella, ligada ao poder inimigo. No palácio do vice-rei, a tensão entre autoridade e rebelião é interrompida pela explosão do levante, que termina com a vitória provisória dos revoltosos e a aclamação de Salvator e Masaniello.

No segundo ato, estabelece-se uma conciliação aparente. O vice-rei aceita negociar, Salvator atua como intermediário e o amor entre ele e Isabella se declara. A festa popular e o juramento de paz parecem unir os dois campos, mas a reconciliação é ilusória: o poder espanhol prepara a traição.

O terceiro ato marca a virada. Os inimigos passam a agir por intriga: Masaniello é envenenado e perde o controle de si, enquanto Salvator é preso. Paralelamente, Isabella é forçada a aceitar o casamento com Fernandez, imposto por seu pai, para salvar o homem que ama, instaurando o mal-entendido amoroso que dominará o desfecho.

No quarto ato, diante da basílica do Carmine, a conspiração se cumpre. Isabella revela a Salvator o plano de assassinato, mas ele, julgando-a traidora, a repele. Quando a violência explode dentro da igreja, Isabella surge mortalmente ferida pelos disparos. Sua morte não interrompe o conflito: enquanto Salvator é deixado à dor e à memória, o povo clama vingança e a revolta prossegue.

Agradecimentos especiais à Gallerie degli Uffizi (Gabinete Fotográfico) pela autorização de reprodução da obra 'Harbour Scene' (Marina al tramonto) como parte cenográfica desta ópera.

Foto: Claudio Giusti



Comentário:

É preciso descobrir a profundidade de Salvator Rosa.

Começo com esta frase porque tal ópera, escrita por Carlos Gomes e estreada em 1874, sofre preconceitos. O compositor teria dito que *Il Guarany* era para os brasileiros, *Salvator Rosa* para os italianos, e *Fosca* para os verdadeiros conhecedores. Depois do fracasso de *Fosca*, em que Gomes investira invenção e refinamento musical, ele talvez quisesse reconquistar o público, e teria escrito uma partitura aparentemente “fácil”. Isso bastou para que chovessem julgamentos negativos. Acrescente-se que, para os brasileiros, ela era a obra “italiana” do compositor e, em consequência, despertava menos interesse.

No entanto, *Salvator Rosa* foi um grande sucesso na Itália. O público se sentiu tocado por uma obra que trazia questões políticas nas quais ele podia se mirar. *Salvator Rosa* talvez tenha sido a última ópera do risorgimento, desse esforço coletivo que conduziu à unificação italiana.

É conhecido o papel de Giuseppe Verdi nos tempos heroicos da Itália ocupada e dividida. Nos anos de 1840, o grande compositor criava várias óperas que incitavam às ações patrióticas. Com o passar do tempo, essas músicas eletrizantes e políticas dão lugar a outras inflexões: *I Vespri Siciliani* (1855), *Simon Boccanegra* (1857), *Un ballo in maschera* (1859), *Don Carlo* (1867). Essas óperas já não se mostram como exaltação coletiva, mas como impasse trágico. Nelas, o

poder é opaco, dividido, paralisante; os personagens são internamente fraturados; e a ação política conduz ao fracasso, não à libertação.

É nesse ponto que surge *Salvator Rosa*, de Carlos Gomes. Rosa foi um notável pintor do século XVII, um paisagista de visões atormentadas, tempestuosas, trágicas: por isso ele foi adorado pelos românticos 150 anos depois. Teria se associado à revolta napolitana de 1647 contra o domínio da Espanha sobre o reino de Nápoles, chefiada pelo pescador Masaniello.

Em 1874, data da ópera *Salvator Rosa*, a Itália estava unificada, mas estava frágil. Havia uma fratura profunda entre o Estado e a Igreja, que não reconhecia a nova nação; a situação econômica se deteriorava, seguida de descontentamento popular; o banditismo aumentava, e as revoltas no Sul se sucediam. O Estado surgia unificado, mas socialmente fragmentado e atravessado por tensões persistentes.

Em *Salvator Rosa*, Carlos Gomes faz a política voltar a ser o motor da ação. Há levante e enfrentamento, o coletivo (o coro) recupera função ativa e a energia dramática não bloqueada, explode. Isso, porém, vem temperado por um profundo pessimismo, condizente com aquela Itália unificada, porém atordoada diante dos caminhos políticos a seguir. O compositor introduz algo que não é central no Verdi político: a figura do líder que se desorganiza internamente, a passagem do heroísmo para o descontrole e o conflito entre ação revolucionária e instabilidade subjetiva.

Isso produz um deslocamento importante: no *risorgimento* dos primeiros tempos, o herói verdiano encarna a nação, no Verdi maduro, o poder destrói o indivíduo; em Gomes, o indivíduo que lidera já contém em si uma fissura, quase patológica. A política é atravessada pelo atordoamento, pela vertigem. No final, resta a Salvator apenas a promessa de sublimação artística, ou seja, a fuga para o imaginário da criação, para aquilo que resta quando tudo falha, já que o povo permanece insatisfeito e o final se abre para a continuação da revolta. Lembremos que o mesmo tema serviu para o francês Auber compor sua “A muda de Portici”, em 1828, que retrata o mesmo levante comandado por Masaniello e cuja apresentação em Bruxelas em 1830 foi estopim para a revolução que levou à independência da Bélgica.

Gomes criou uma partitura prodigiosa para o excelente libreto de Ghislanzoni e a complexidade reflexiva que o atravessa. Desde a formidável sinfonia de abertura, em que os trompetes que conclamam são freados pelos golpes da percussão, até as páginas que se mantiveram no repertório internacional: *Mia picciarella*, a adorável arieta de Gennariello e a meditação *Di sposo, di padre*, do duca d’Arcos, que é cantada até hoje pelos mais importantes baixos. Mas a música de Salvator Rosa excede em muito esses trechos e é ela que, em alto grau, funda a força dramática e histórica de toda a obra.

Jorge Coli



23 de maio às 19h, no Centro Cultural Palácio da Justiça

Recital Bradesco V

"Canções Brasileiras"

Tamar Freitas, soprano
Yana Stravaganzzi, mezzo-soprano
Humberto Sobrinho, tenor
Roberto Paulo, baixo
Matheus Alborghetti, piano

24 de maio às 19h, no Centro Cultural Palácio da Justiça

Recital Bradesco VI

"Ópera sem Palavras"

Solistas da Amazonas Filarmônica
Marcelo de Jesus e Matheus Alborghetti, piano

27, 29 e 31 de maio às 19h, no Teatro Amazonas

Ópera em concerto

La Favorite, ópera em quatro atos

Gaetano Donizetti

libreto de Alphonse Royer, Gustave Vaëz e Eugène Scribe
Estreia brasileira da obra original em francês

Léonor de Guzman: **Juliana Taino**, mezzo-soprano

Fernand: **Wilken Silveira**, tenor

Alphonse XI: **Santiago Villalba**, barítono

Balthazar: **Murilo Neves**, baixo

Don Gaspar: **Cristhiano Silva**, tenor

Inés: **Samanta Costa**, soprano

Um senhor: **Humberto Sobrinho**, tenor

CORAL DO AMAZONAS

AMAZONAS FILARMÔNICA

Marcelo de Jesus, direção musical e regência



Sinopse:

A cena se passa na primeira metade do século XIV, durante os conflitos entre o reino de Castela e os mouros.

Ato I

No mosteiro de Santiago de Compostela, o noviço Fernand confessa ao prior que se apaixonou por uma mulher desconhecida e decide abandonar a vida religiosa. Na costa da Ilha do Leão, é conduzido até ela de olhos vendados: trata-se de Léonor de Guzman, amante do rei Afonso XI, fato que Fernand ignora. Os dois se amam, mas ela recusa o casamento. Ao ser anunciada a chegada do rei, Léonor se retira, deixando a Fernand um documento que o eleva à nobreza. Decidido a merecê-la, ele parte para a guerra.

Ato II

No Alcázar de Sevilha, Fernand retorna vitorioso. O rei é pressionado por Roma a romper com Léonor. Ela confessa ao rei que ama outro homem, recusando-se a revelar seu nome. O prior Balthazar, enviado do Papa, ameaça com excomunhão; o rei reage desafiadoramente.

Ato III

Fernand pede ao rei a mão de Léonor e o rei a concede. Para evitar que ele descubra a verdade por outros meios, Léonor tenta revelar-lhe seu passado, mas sua mensagem é interceptada. O casamento se realiza. Logo depois, ao descobrir que ela foi amante do rei, Fernand a rejeita publicamente.

Ato IV

De volta ao mosteiro, Fernand retoma a vida religiosa. Léonor, exausta após uma peregrinação, vai ao seu encontro e implora perdão, explicando que tentou confessar a verdade antes do casamento. Ele a perdoa, mas é tarde:

Léonor morre em seus braços.

Comentário:

Mulheres marcadas

Na França, houve um subgênero da ópera criado no século XIX intitulado *Grand Opéra*, ou seja, grande ópera. Grande, porque era, antes de tudo, um espetáculo suntuoso e de escala ampla. Devia ter um tema histórico-político com movimentação coral em cenas coletivas, e incluía a participação obrigatória do balé. O teatro da Ópera de Paris passou a admitir apenas óperas que tivessem essas características.

Gaetano Donizetti era italiano e criava suas partituras graças à sua inspirada invenção melódica, tendendo mais para cenas intimistas do que heroicas. Mas *La Favorite* foi encomendada para o teatro da Ópera de Paris, que o obrigava ao formato do *Grand Opéra*. O compositor então produziu uma obra que se encaixasse nele, mas sem abandonar suas características de criador. A partitura mantém uma espinha dorsal melódica e belcantista; seu centro dramático não repousa nos grandes conflitos históricos, mas nos afetos íntimos dos personagens. Muitas cenas funcionam como expansões líricas, mais do que como construções espetaculares, e nela há momentos de concentração quase camerística. O formato imposto, portanto, era francês, mas o coração permanecia italiano.

La Favorite teve um grande e duradouro sucesso internacional junto ao público, que aderiu sem resistência à beleza das árias e dos duetos e à força dramática das situações. Ao contrário, os críticos torceram o nariz ao "italianismo" da ópera.

O público tinha razão. Percebeu o que a essa ópera é, de fato, enquanto a crítica julgava-a pelo que não era. A crítica esperava um *Grand Opéra*, e *La Favorite* respondia a isso apenas parcialmente.

Foi a capacidade de Donizetti penetrar na alma de seus personagens que permitiu a *La Favorite* tornar-se uma obra intensa e viva. O compositor desloca o centro; o verdadeiro eixo não é a política, mas a tragédia íntima de Léonor, a heroína. A escrita vocal tem uma densidade emocional contínua, não episódica; os grandes momentos (por exemplo, o dueto do ato II, o final do ato IV) não são apenas instantes espetaculares, são estruturalmente decisivos para a progressão dramática, que é inevitável e quase sem alívio. Donizetti não buscou corresponder à perfeição do gênero, mas à verdade dramática que lhe era própria. *La Favorite* é grande não por cumprir um modelo, mas por se inventar como algo novo.

La Favorite preludia, de certo modo, *La Traviata*, de Verdi, que será composta pouco mais de uma década depois.

O ponto comum é que, em ambas, a prima-donna personifica uma mulher “marcada” socialmente, submetida ao poder masculino, cujo amor verdadeiro a coloca em discrepância com sua própria condição.

Em *La Favorite*, Léonor é amante do rei e, assim, moralmente condenada. Ama Fernand e esse amor puro entra em choque com seu papel de concubina. O drama nasce da incompatibilidade entre estatuto social e verdade afetiva.

Em *La Traviata*, Violetta é uma cortesã que escolhe seus amantes na medida em que possam sustentá-la. Está num meio social burguês, e não aristocrático, mas é, como Léonor, moralmente condenada. Ama Alfredo, e é também vítima da mesma tensão entre afeto e posição social.

Nas duas, o conflito é irreconciliável e leva à destruição. São figuras femininas situadas em um lugar social “impuro”, que tentam se redimir pelo autêntico sentimento amoroso.

Talvez a denúncia social seja mais indireta em *La Favorita*, já que ela se situa num enquadramento histórico e aristocrático, enquanto Violetta pertence ao mundo contemporâneo. Nesse sentido, *La Traviata* provoca um escândalo moral mais forte. No entanto, ambas expõem a hipocrisia social diante das mulheres “fora da norma”.

Por isso, a figura de Léonor se agiganta. Ela não é apenas uma mulher que ama: isso seria banal. O que a torna fora do comum é que já está perdida antes de amar. Encontra-se definida por uma situação que não controla: é a amante oficial do rei. Carrega consigo uma consciência clara dessa condição e o amor por Fernand, quando advém, não a salva, mas a expõe e a torna vulnerável diante de si mesma.

Jorge Coli



DIREÇÃO GERAL: CAIO ANDRÉ PINHEIRO DE OLIVEIRA
DIREÇÃO ARTÍSTICA: LUIZ FERNANDO MALHEIRO

27º FESTIVAL AMAZONAS DE ÓPERA

de 19 de abril a 31 de maio de 2026

Direção Artística: Luiz Fernando Malheiro

Direção Executiva: Flávia Furtado

CURRÍCULOS



Flávia Furtado

Diretora executiva

Pianista de formação, estudou no Brasil com Linda Bustani e na Bélgica com Heidi Hendricks. Mais tarde, formou-se em Comércio Exterior e, desde então, vem gerindo e desenvolvendo trabalhos com a economia da cultura em diversos âmbitos, junto a Ópera Latinoamérica e ao Festival Amazonas de Ópera.

Em 2006, cria a Vlaanderen Produções Culturais, empresa especializada em grandes eventos de música clássica com mais de 70 produções no currículo, entre óperas, teatro, concertos e festivais, trabalhando com algumas das instituições mais importantes do país, como Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Theatro Municipal de São Paulo, Theatro São Pedro, Teatro Amazonas, Centro Cultural Banco do Brasil, Fundação Clóvis Salgado, Universidade Federal do Paraná, Palácio das Artes e Theatro da Paz.

Em 2020 foi uma das 10 finalistas ao prêmio Classical Next - Innovation Award na Holanda, pelo seu trabalho em divulgar todos os aspectos econômicos e sociais da indústria da ópera no Brasil. É fundadora e uma das Diretoras do Fórum Brasileiro de Ópera, Dança & Música de Concerto. Em 2021 assume a cadeira de Novos Mercados dentro do Advisory Board da Opera Co-Pro, organização internacional sediada em Londres. É fundadora e diretora Presidente do Fundo do Festival Amazonas de Ópera. Em 2023 ganhou o "Grande Prêmio Concerto - votação do público" pelo seu trabalho em prol da ópera no Brasil.



Luiz Fernando Malheiros

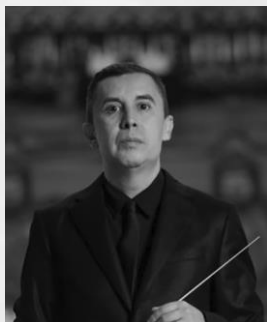
Diretor artístico

Reconhecido pela crítica como um dos principais nomes da ópera no Brasil, Malheiro tem em seu repertório mais de 75 títulos regidos. Estudou composição com J. Targosz na Polônia e com R. Dionisi na Itália.

Estudou regência com T. Colacioppo no Brasil, K. Missona na Polônia e na Itália estudou com Leonard Bernstein em Roma, F. Leitner em Siena e Carlo Maria Giulini em Milão.

É o atual Diretor Artístico e Regente Titular da Amazonas Filarmônica, diretor artístico do Festival Amazonas de Ópera (FAO). Foi diretor artístico do Teatro São Pedro de São Paulo e regente titular de sua orquestra e foi diretor musical e de Ópera no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Vencedor do Prêmio Carlos Gomes: Regente de Ópera (2012, 2011 e 2009) e Universo da ópera/2000, dirigiu no FAO/2005 a primeira montagem brasileira do Anel do Nibelungo de Wagner, recebendo ainda mais dois prêmios: Universo da Ópera e Espetáculo do Ano. Possui gravações com o Teatro Nacional de Ópera de Sofia na Bulgária e já regeu orquestras e óperas pelo mundo inteiro em países como Argentina, Bulgária, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, Grécia, Israel, Itália, México, Portugal entre outros.



Marcelo de Jesus

Diretor musical | Maestro

Graduado em Composição e Regência pela UNESP, Marcelo de Jesus é um dos regentes mais atuantes e versáteis da cena brasileira.

Com sólida trajetória nos Theatros Municipais de São Paulo e do Rio de Janeiro como pianista e maestro assistente, assumiu a direção artística e a regência titular da Orquestra de Câmara do Amazonas. Atua também como maestro adjunto da Amazonas Filarmônica e do Festival Amazonas de Ópera, com sede no Teatro Amazonas, onde realiza parte significativa de sua atividade artística.

Seu repertório abrange uma vasta gama de óperas e programas sinfônicos, totalizando mais de 500 obras de concerto e mais de 30 títulos operísticos.

Em 2026, regeu La Traviata pela Cia de Ópera do Rio Grande do Sul. Entre 2024 e 2026, atuou como professor convidado do CIVEBRA (Escola de Música de Brasília).

Como maestro convidado, esteve à frente de importantes formações, como a Filarmônica de Bogotá, Sinfônica de Rosário, Milano Classica, Orquestra Experimental de Repertório, Orquestra Sinfônica de Sergipe, Orquestra Sinfônica do Espírito Santo, Orquestra Sinfônica do Teatro da Paz, Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, Filarmônica de Goiás, Orquestra Sinfônica Brasileira, Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, Orquestra Sinfônica da UFRJ, Orquestra

do Theatro São Pedro (São Paulo) e Orquestra Theatro São Pedro (Porto Alegre).

Foi Diretor dos Corpos Artísticos do Amazonas entre 2011 e 2020 e, atualmente, atua como Consultor Artístico da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Amazonas.



Otávio Simões

Direção Musical | Maestro

Otávio Simões é regente orquestral e coral, arranjador, tradutor e educador musical, com atuação em repertório sinfônico-coral, ópera, teatro musical e projetos de linguagem crossover. É regente assistente da Amazonas Filarmônica e do Festival Amazonas de Ópera desde 2013 e maestro titular do Coral do Amazonas desde 2018.

Graduado em Regência pela Universidade de São Paulo (USP), atuou como maestro convidado à frente de grupos como a Orquestra Sinfônica do Espírito Santo, Amazonas Jazz Band, Orquestra de Câmara do Amazonas e Sociedad Coral de Bogotá. No repertório operístico, acumula mais de 50 títulos e trabalhou no Theatro Municipal de São Paulo (2006–2012). É autor de mais de 300 arranjos, transcrições, orquestrações e adaptações — incluindo a orquestração oficial do Hino Municipal de Manaus e do Hino do Amazonas. Desde 2019, é membro da Academia Amazonense de Música. Na área pedagógica, ministrou workshops de

regência coral (Auditorio León de Greiff e Universidade do Estado do Amazonas), harmonia e escuta musical (Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos) e arranjos corais (Universidad Nacional de Colombia), e integrou em 2025 e 2026 o corpo docente da Oficina de Música de Curitiba.



Aline Gurgel

Diretora de Produção Executiva

Produtora executiva há mais de 15 anos, passou por diversas áreas como corporativo, social e cultural. Formada em Eventos com especialização em Marketing pela UAM e Gestão de Projetos pela ESALQ – USP. Foi coordenadora de produção do Festival de Inverno de Campos do Jordão por mais de 14 anos, atuou como gerente do departamento técnico da Fundação OSESP, Festival de Ópera de Ouro Preto, turnês passando pela Europa, EUA e China além de trabalhar em diversos núcleos culturais como MASP, Theatro São Pedro, Santa Marcelina Cultura, OSESP, entre outros.



Fabiano Cardoso

Maestro Assistente | Tenor

É Amazonense e atua como maestro Assistente do Coral do Amazonas. Doutor em Música pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Atualmente é professor da Universidade do Estado do Amazonas, Coordenador do Coral da UEA e Diretor Artístico do Festival Amazonas de Corais. Gravou com o Coral da UEA o CD Natal. É autor do livro Marília de Dirceu: subsídios para a interpretação das modinhas atribuídas a Marcos Portugal. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Canto e regência, atuando como maestro e tenor em mais de 50 óperas. Foi solista em La Traviata de G. Verdi no Amazonas e no FIOG- Festival de Ópera Internacional de Goiânia. Recentemente regeu no Teatro Amazonas uma montagem de Die Zaubeflöte de W. A. Mozart.



Pedro Guida

Diretor de Produção Artística

Estudou música na USP. Foi responsável por elencos no Theatro Municipal de São Paulo, atuando na escalação de artistas para as temporadas de ópera e sinfônica em 2018, 2019, 2022, 2023, 2024, 2025 e 2026. Nesse período, contribuiu para o lançamento de carreiras hoje consolidadas no cenário nacional, além de viabilizar a estreia brasileira de cantores internacionais como Latonia Moore, Ailyn Pérez e Carmen Giannattasio, e o retorno frequente de artistas como Paulo Szot e Atalla Ayan.

Entre 2011 e 2017, atuou no mesmo teatro como assistente de produção, produtor executivo e assessor artístico, nas gestões de Abel Rocha, John Neschling e Roberto Minczuk. Participou de mais de 100 produções de óperas premiadas, além de concertos e balés, e foi company manager do premiado musical O Rei do Rock, sobre Elvis Presley.

Trabalhou com maestros como Jader Bignamini, Luiz Fernando Malheiro, JoAnn Falletta, Christian Arming, Jacques Delacôte e Alain Guingal, e com diretores e coreógrafos como Giancarlo del Monaco, Marco Gandini, Stefano Poda, Jorge Takla, Grace Passô, Daniele Abbado e Alexander Ekman. Foi ainda artist liaison em espetáculos da La Fura dels Baus em São Paulo e produziu o palco "Orquestra" na Virada Cultural de 2012.



Emanuele Monteiro

Assistente de Produção | Assistente de direção de palco

Bacharel em Canto Lírico pelo Instituto Estadual Carlos Gomes. Atuou como Diretora Geral e Executiva do projeto "Sala Hoje - Séries de Câmara nas Periferias" (2025), mentorada da primeira turma do "Programa de Mentorias do Ópera Latinoamérica" (OLA), assistente de produção e assistente de direção de palco do "26º Festival Amazonas de Ópera" (2025). Foi produtora executiva do projeto "Mulheres na Música de Concerto" (2024), do "1º Concurso Nacional Ligia Amadio para Mulheres Solistas" (2024) e produtora da "Orquestra Filarmônica da Amazônia" (Orquestra Filma). Em 2023, atuou como assistente de direção artística no "Festival de Ópera do Theatro da Paz", assistente da Etapa Pedagógica e Stage Manager na ópera "O Menino Maluquinho". Participou do "Programa Gestores em Movimento", a partir do qual co-criou a produtora "Sala Hoje - Produções Culturais", realizando apresentações musicais em espaços históricos de Belém do Pará, focadas na gestão e democratização da música clássica.



Inã Figueiredo

Assistente de Produção

Bacharel em Turismo e Especialista em Gestão e Produção Cultural pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Atualmente é Produtor Executivo do Teatro ICBEU Manaus e atua no setor administrativo da Encenar – Centro de Artes. Já trabalhou como Gestor de Projetos na operacionalização de Leis de Incentivo na Atrela Agência Cultural. Desde 2023 integra a equipe de produção do 5º Festival Amazonas de Ópera como Assistente de Produção e também participou da equipe do Espetáculo de Natal da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Amazonas (2024). Atuou ainda como Produtor Cultural no Casarão de Ideias e exerceu Direção de Palco em produções com a Cia Trilhares e o Gandhcats Project, incluindo apresentação no Festival Sou Manaus Passo a Paço. Ao longo de sua trajetória, produziu temporadas de espetáculos, projetos de circulação e eventos culturais de grande porte. Atua também como jurado em eventos culturais e possui 5 projetos autorais contemplados por editais públicos.



Mikaela Raícham

Assistente de Produção

Mikaela Raícham é produtora cultural com atuação nos principais festivais do Amazonas, como o Festival de Cinema da Amazônia – Olhar do Norte, o Festival Amazonas de Ópera e o Festival de Teatro da Amazônia. Com mais de oito anos de experiência na produção cultural, também integrou equipes de grandes eventos nacionais e internacionais, como Spotify Festival, Tomorrowland e a Mostra de Teatro do IBT – Instituto Brasileiro de Teatro.

Além da atuação na produção, trabalha com assessoria estratégica e estruturação de projetos culturais para editais públicos e leis de incentivo, atuando no desenvolvimento, elaboração e enquadramento de propostas em âmbito nacional, estadual e municipal. Graduada em Administração pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), desenvolveu pesquisas sobre economia criativa na Amazônia, investigando como a cultura pode impulsionar o desenvolvimento social e econômico.



Julianna Santos

Diretora de cena

Diretora Cênica graduada pela UFRJ. Inicia sua carreira em ópera ainda na universidade em 2003. Atualmente atua como diretora cênica nos principais teatros de ópera do país, estando seu trabalho presente nos palcos do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Theatro Municipal de São Paulo, Theatro São Pedro, Teatro Amazonas, Palácio das Artes de BH entre outros. Dentre seus recentes trabalhos no ano de 2025 estão "Os Pescadores de Pérolas" no TMRJ, "As Bodas de Fígaro" no teatro Amazonas e "Cinderela" uma ópera itinerante, junto ao teatro São Pedro, SP. Esteve envolvida em mais de cem diferentes produções operísticas, atuando como diretora em algumas estreias mundiais de óperas contemporâneas brasileiras, dentre as quais destaca-se Aleijadinho de Ernani Aguiar, que estreou em 2022 nas ladeiras de Ouro Preto, em frente à principal obra do mestre Aleijadinho, a Igreja São Francisco de Assis.



Ana Vanessa

Diretora de cena | Assistente de direção

Graduada em Artes Cênicas - Direção Teatral pela UFRJ. No Theatro Municipal de São Paulo, foi assistente de direção nas óperas Il Trovatore, Falstaff, Carmen, Salomé, Cavalleria Rusticana/Pagliacci, Tosca, Otello, Um Homem Só/Ainadamar, Eugene Onegin, Thaïs, Manon Lescault, Lohengrin, La Bohème, Lady Macbeth do Distrito de Mtsensky, Electra, Fosca, Contractador de Diamantes, Il Guarany. Como produtora, realizou as óperas Pescadores de Pérolas, Pelleas et Melisande, Turandot, Barbeiro de Sevilha, Il Matrimonio Segretto, Alcina e Katia Kabanova. Como diretora de palco, fez títulos como Ariadne auf Naxos, Fidelio, Cendrillon, Isolda/Tristão, entre outros. Dirigiu em 2019 a ópera Madame Butterfly nos teatros municipais de Botucatu e de Lençóis Paulista, em 2024 a ópera La Serva Padrona no Theatro Municipal do Rio de Janeiro e em 2025 a ópera Candinho no Theatro São Pedro de São Paulo.



Fernando Portari

Direção cênica | Tenor

Fernando Portari é um dos tenores mais importantes de sua geração, construindo uma expressiva carreira apresentando-se em teatros como o Alla Scala em Milão e na Ópera Estatal de Berlim, como em Manon de Jules Massenet, ao lado da grande diva da atualidade, a russa Anna Netrebko sob a regência de Daniel Barenboim além de se apresentar em inúmeras casas de ópera e salas de concerto pelo Brasil e pelo mundo. Fernando também é encenador tendo dirigido óperas do grande repertório como La Traviata de Giuseppe Verdi, Madama Butterfly de Giacomo Puccini, A Flauta Mágica de Mozart, Romeu e Julieta de Gounod entre outras.

Há alguns anos vem se dedicando à pesquisa da ópera brasileira tendo participado de montagens de óperas como OLGA do compositor Jorge Antunes

sobre a vida de Olga Benário no papel de Luis Carlos Prestes, NAVALHA NA CARNE do compositor Leonardo Martinelli baseada no texto teatral de Plínio Marcos, no papel do gigolô Vado, na ópera O AUTO DA COMPADECIDA, baseada na obra prima de Ariano Suassuna, no papel do Padre João e como Roberto Drummond na ópera HILDA FURACÃO, ambas com música e texto de Tim Rescala. Fernando é idealizador e diretor artístico da COMPANHIA DE ÓPERA DA LAPA, onde busca abrir caminho para os artistas líricos brasileiros e levar a arte lírica para novos públicos



Ignacio Ramírez Morales

Diretor cênico | Baixo

Inicia sua formação musical como cantor em 2013 na Faculdade de Artes da Universidade do Chile. Em 2019, integra a Lírica Disidente, onde inicia seu interesse como Diretor Cênico, tornando-se Diretor da Equipe de Criação Artística da organização. Ingressa como Diretor Cênico no programa do Instituto Superior de Arte do Teatro Colón, de 2022 até o final de 2023.

Dirigiu: "As Bodas de Fígaro", de Mozart, no Teatro Municipal de La Florida. "Don Giovanni", de Mozart, na Aula Magna do CEINA. "A Libertação de Ruggiero", de F. Caccini, no Centro Cultural de Puente Alto, Centro Cultural Teatro Serrano de Melipilla e Aula Magna do CEINA. "Dido e Eneias" no Teatro Biobío. "A Viagem de Inverno" na Sala Expo 1 do CEINA. "Heroínas do Maule" no Teatro Regional do Maule. "Uma Ópera Mágica em Chiloé" no Teatro Lucho Gatica, Teatro Regional do Maule, Aula Magna do CEINA, Parque Cultural de Valparaíso e Teatro Biobío. "O Barbeiro de Sevilha" na Aula Magna do CEINA. "L'Enfant Prodigue" no Centro Cultural Perrera Arte.

Como cantor, desenvolveu sua trajetória tanto em instâncias de formação quanto em palcos de relevância, participando de produções corais e líricas e integrando o trabalho artístico com uma atuação contínua em formação vocal e trabalho técnico com cantores.



Nicolás Vásquez

Diretor geral do Lírica Disidente |
Gestor Cultural

Gestor cultural, produtor e cantor lírico. Em 2018 funda a Lírica Disidente, organização a partir da qual impulsiona um modelo de criação, produção e formação em ópera com enfoque contemporâneo, articulando projetos de alcance nacional e projeção internacional. Seu trabalho tem se concentrado em posicionar a ópera como uma arte viva, acessível e com capacidade de incidir no desenvolvimento cultural e social. Em 2024, como diretor da organização, recebe o Prêmio às Artes Cênicas Presidente da República.

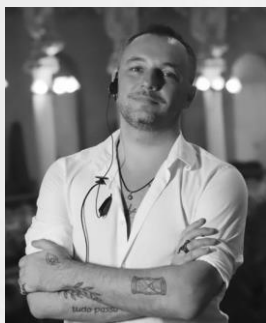
A partir de seu papel na Lírica Disidente, tem liderado o desenvolvimento de uma linha contínua de criação e produção operística, junto com a implementação de plataformas de formação e circulação como o Encontro Nacional de Ópera Independente (ENOI), consolidando um modelo de trabalho que integra artistas, territórios e públicos, e que articula processos artísticos com uma perspectiva estratégica de desenvolvimento do setor. Em 2025 é selecionado como fellow da Fundação Colunga, integrando sua Comunidade de Liderança, instância orientada a fortalecer capacidades diretivas e potencializar lideranças com incidência social.



Natália Sakouro

Preparadora vocal

Nasceu em Minsk, capital da Bielorrússia e iniciou seus estudos musicais aos sete anos, cursando piano como instrumento principal. Obteve diploma em canto e regência coral no Colégio de Música de M. Glinka, e, mais tarde, formou-se pela Universidade de Belas Artes do Estado. Trabalhou na Capela Nacional, assim como no Coral de Câmara Nacional da Bielorrússia. Em 1998, começou o seu trabalho no Brasil como maestra, professora de técnica Vocal e teoria musical no Centro Cultural Cláudio Santoro. Criou o Coral da Juvil o Coral de Câmara e preparou vários alunos que se destacaram como solistas Líricos. Atualmente trabalha como maestra e preparadora vocal do Madrigal do Amazonas e é professora do curso de canto lírico no Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro.



André di Peroli

Diretor de palco | Assistente de direção cênica

Pós-Graduado em Teatro e direção de cena, Graduado em Artes cênicas e Artes plásticas. Formado em dramaturgia de memória e Reeducação do movimento. Começou sua carreira lírica atuando em óperas no Teatro Municipal de São Paulo nas produções de La bohème, Aida, Salomé, entre outros. Em 2015 integrou o elenco estável do Theatro São Pedro SP como ator, diretor de palco e cena e assistente de direção, onde ficou por 3 anos sob direção artística do maestro Luís Fernando Malheiro. Dirigiu as óperas La Sonnambula, Onde vivem os monstros, Cavalleria Rusticana e Il Pagliacci. Dirigiu Concertos sinfônicos Ma mère L'oye & Lendas Brasileiras. Atua como diretor de palco e assistente de direção cênica no FAO - Festival Amazonas de Ópera desde 2015.



Monique Andrade

Coreografia

Bailarina, coreógrafa, maîtresse e gestora artística, possui sólida trajetória na dança, com formação iniciada na década de 1990. Graduada em Produção Publicitária (Manaus/AM, 2009), destaca-se pela excelência técnica e atuação na formação de novos talentos. Foi bailarina da Renascença Cia de Dança, Ballet Oficial de Câmara de La Paz e Balé Teatro Guaira, além de professora de Ballet Clássico pelos métodos Royal Academy of London e Vaganova. No Corpo de Dança do Amazonas (2001-2014), atuou como maîtresse, assistente de coreografia e diretora artística. Dirigiu o Balé Experimental do Corpo de Dança do Amazonas (2014-2019) e atualmente é diretora artística do Balé Folclórico do Amazonas, desenvolvendo projetos de valorização cultural. Criou obras apresentadas em Festivais e Concertos da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Amazonas.



Eduardo Amaral

Assistente de direção de movimento

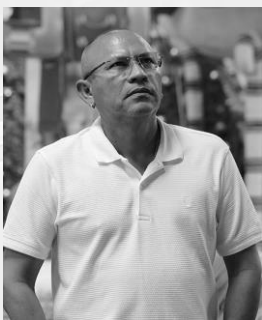
É pesquisador, coreógrafo, bailarino e professor de dança, com atuação destacada no cenário artístico de Manaus. Licenciado em Dança pela Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) em 2017, construiu uma trajetória sólida como intérprete e criador em diversas companhias de dança da região. Desde 2013, integra o Balé Folclórico do Amazonas como pesquisador e coreógrafo, desenvolvendo trabalhos que investigam os processos de movimento a partir das narrativas históricas, culturais e simbólicas do Estado do Amazonas. Sua produção artística dialoga com as tradições populares, ressignificando elementos do folclore em linguagem contemporânea. Com experiência abrangente nas áreas de dança contemporânea, balé clássico e danças folclóricas, também atua como educador, sendo professor de dança no Liceu de Artes e Ofícios Claudio Santoro.



Renato Theobaldo

Cenografia

Cenógrafo desde 1984, com mais de 50 cenografias de óperas realizadas, destacando-se sua colaboração nos principais teatros brasileiros como o Teatro São Pedro em São Paulo, os Theatro Municipais de São Paulo e do Rio de Janeiro, criando cenografias como "Il Barbiere di Siviglia", "Porgy and Bess", "Walküre", "Götterdämmerung" e "Turandot". Seu trabalho inclui produções como "Il Guarany", "O Condor", "Faust" e "Anna Bolena" no Festival Amazonas de Ópera e a ópera "Nabucco" que é uma criação de 2009 para o Palácio das Artes em Belo Horizonte e que tem sido encenada nos mais diversos teatros brasileiros e do mundo. Internacionalmente, trabalhou com a Wrocław Opera House e Silesian Opera na Polônia, Erfurt Theater na Alemanha, Ópera Nacional da Estônia e São Carlos de Lisboa. Com a ópera a ópera "Rusalka" de Antonín Dvořák inicia em 2024 colaboração com o Auditório de Tenerife e que em 2026 se consolida com Roméo et Juliette.



Jander Lemos

Cenotécnico

Arquiteto e urbanista amazonense, especialista em Cenografia e Figurino, dirige a Cenart Produções e Serviços, criando cenários para diversos eventos. Atua como cenógrafo em projetos natalinos para órgãos públicos e privados. Seus trabalhos de destaque nos Festivais de Ópera incluem a execução das cenografias de óperas como "Ópera dos três vinténs", a tetralogia wagneriana ("Siegfried", "O Crepúsculo dos Deuses", "O ouro do Reno", "A Valquíria"), "A Flauta Mágica", "Otelo" (de Verdi e Rossini), "Fosca", "La Gioconda", "Navio Fantasma", "Lady Macbeth", "Dmitri Shostakovich", "Çá Ira", "Ariadne", "Maria Golovin", "Turandot", "Sansão e Dalila", "Troianos", "Grito Verde", "Suor Angélica", "Tristão e Isolda", "Diálogo das Carmelitas" e "Cenas Líricas". Em 2023, trabalhou na cenotécnica de "Peter Grimes". Também construiu a cenografia da minissérie "Aruanas" e de eventos musicais como a Pump Black. Atualmente, coordena os cenários dos eventos Sou Manaus Passo a Paço e Boi Manaus, e no 26º FAO, é responsável pela cenografia de "La Vorágine" e "Bodas de Fígaro".



Marcos Apolo

Diretor Técnico

Profissional com mais de 40 anos de atuação no setor cultural e de entretenimento, reconhecido por liderar projetos de grande porte nas áreas de arquitetura cênica, direção técnica, produção executiva e gestão pública da cultura. Arquiteto de formação, artista por essência e gestor por excelência, reúne sólida experiência na criação, planejamento e execução de eventos de alta complexidade, desde festivais internacionais de ópera até grandes espetáculos populares, eventos esportivos, inaugurações institucionais e projetos de impacto social. Atua com visão estratégica, liderança de equipes multidisciplinares, domínio técnico e sensibilidade artística, entregando projetos que unem excelência estética, eficiência operacional e resultados consistentes.



Fernanda Câmara

Figurinos

Figurinista e produtora executiva, especializou-se em trajes de cena para ópera e balé, atuando como assistente e produtora de figurino do Theatro Municipal de São Paulo entre 2013 e 2015, período em que participou de grandes montagens, como Aida, Carmen, Tosca, Thaïs, Falstaff e Pagliacci. Como figurinista assistente, colaborou em diversos projetos, entre eles The Turn of the Screw e Kátia Kabanová, no Theatro São Pedro. Recentemente, retornou ao Theatro Municipal de São Paulo para realização das temporadas líricas de 2022 e 2023, com destaque para a remontagem e adaptação do figurino original de Fábio Namatame para a ópera O Cavaleiro da Rosa, além do figurino e ambientação do espetáculo Blue Monday, com o Balé da Cidade de São Paulo e o Coral Paulistano. Em 2025, desenhou e produziu o figurino da ópera Candinho, de João Guilherme Ripper, que retrata a infância e obra do pintor Cândido Portinari, em montagem da programação artística do Theatro São Pedro.



Kuka Batista

Iluminação

Kuka Batista (Elaine Batista) é iluminadora, técnica e diretora técnica formada pela SP Escola de Teatro (2011). Com uma trajetória marcada pela versatilidade, colaborou com grandes nomes da luz como Fábio Retti e Guilherme Bonfanti em produções de destaque, incluindo Shrek, o Musical e o Festival Amazonas Ópera. Especialista em óperas e musicais, assinou a luz de obras como Onde Vivem os Monstros, Viva la Mamma e Candinho no Theatro São Pedro. Atua também como iluminadora de shows para vários artistas, além de ter sido artista docente na SP Escola de Teatro e diretora técnica do Festival de Ópera de Ouro Preto.



Vitor Philomeno

Piano

Um dos principais preparadores vocais, pianistas colaboradores e gerentes artísticos do Brasil, reconhecido pelo enfoque técnico e estilístico no trabalho com cantores e repertórios de

diferentes períodos. Colaborou com artistas com do meio lírico nacional e internacional, além de atuar em audições e masterclasses com grandes nomes do cenário lírico internacional. Em 2014, fundou an Opera Atelier Artists, referência nacional em gerenciamento artístico, casting e produção. Como produtor, esteve à frente de títulos como Les plaisirs de Versailles, La voix humaine, I Pagliacci, MacBeth e Vanessa. Em 2024, retomou com destaque sua carreira de pianista colaborador, apresentando-se regularmente em salas como a Sala Cecília Meireles e o Theatro São Pedro. Em 2026, fundou a Companhia Brasileira de Ópera de Câmara.



Matheus Alborghetti

Pianista correpetidor

Pianista pederneirense, colaborou em fevereiro de 2025, no âmbito internacional, na estreia absoluta de La Vorágine (de J.G. Ripper), realizada no Teatro Colón de Bogotá/COL com regência de Luis F. Malheiro. Neste mesmo ano, colaborou também na montagem semi-encenada de Wozzeck (de A. Berg) realizada na Sala São Paulo.

Participou de edições (2015 a 2023) do Festival de Música de Santa Catarina (Femusc) como pianista correpetidor das classes de canto lírico de renomados profissionais, como Gino Quilico, Céline Imbert e o maestro André dos Santos, e também das óperas (Carmen – 2016; La Bohème – 2018; Suor Angelica – 2019; La Traviata – 2020; Hänsel und Gretel – 2023;

Madama Butterfly – 2025; Onheama – 2026). No Festival de Ópera de Joinville, participou da montagem de La Traviata (2015), La Bohème (2017), Madama Butterfly (2018), Don Pasquale (2022) e Rigoletto (2024).

Participou no Festival Amazonas de Ópera – FAO – como correpetidor das óperas Il Tabarro e Il Trovatore (2022), Anna Bolena e Piedade (2023), La Vorágine e Le Nozze di Figaro (2025). Trabalhou em montagens no Theatro Municipal de São Paulo, das óperas Così Fan Tutte (fevereiro/2023), Madama Butterfly (2024), O Contractador dos Diamantes (2024), I, Volcanic (2024) e Macbeth (2025).

Atualmente é regente do Coral Ítalo-brasileiro do Circolo Italiano di Joinville, e desenvolve trabalhos de correpetição operística e de música de câmara com instrumentistas, cantores e corais.



Renan Branco

Pianista

Bacharel em piano pela USP, sob orientação de Ricardo Ballestero, Renan Branco consolidou uma carreira de destaque como pianista colaborativo e correpetidor de ópera. Com atuação nos prestigiados Theatro São Pedro e Teatro Amazonas, seu repertório abrange desde Mozart e Verdi até Stravinsky e Britten.

Sua experiência é vasta, englobando música de câmara, corais, balé e orquestras. Colaborou com

instituições como a UNESP, UEA, Orquestra Jovem do Estado de SP, além de festivais e concursos renomados, como o Maria Callas e a Austin Opera.

Recentemente, Renan expandiu sua formação nos EUA, concluindo o mestrado e doutorado em Piano Colaborativo pela Universidade do Texas em Austin, onde foi assistente de ensino e bolsista laureado. Atualmente, reside em Manaus, onde integra o Coral do Amazonas e o Festival Amazonas de Ópera (FAO), mantendo uma agenda muito ativa em projetos de música de câmara e concertos.



Daniella Carvalho

Soprano

Daniella Carvalho, soprano lírico, é aclamada por sua “voz de timbre escuro e expressivo” e “presença de palco inesquecível”. Destaca-se no repertório das heroínas românticas, especialmente em Puccini, com papéis como Cio-Cio-San, Tosca, Suor Angelica, Liù e Mimì, interpretada em 2025 no Festival Amazonas de Ópera.

Apresentou-se em importantes teatros no Brasil e no exterior, incluindo Carnegie Hall, Teatro Comunale di Rovigo, Ópera de Kazan, Ópera de Sofia, Teatro de Tianjin, Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Theatro Municipal de São Paulo e Miami Lyric Opera, entre outros. No repertório sinfônico, possui atuação abrangente que inclui obras de Mahler,

Shostakovich (Sinfonia nº 14), Sibelius, González (Misa Azteca), além de canções orquestrais e ciclos de compositores como Wagner, Britten e Barber.

É idealizadora do projeto Mãos à Ópera, voltado à formação de plateia e ao acesso à ópera para o público infantil.

Natural do Rio de Janeiro, é Mestre e Bacharel em Canto pela Manhattan School of Music.



Dhijana Nobre

Soprano

Dhijana Nobre é cantora de ópera, regente e fonoaudióloga especialista em voz e em canto lírico. Membro da Academia Amazonense de Música (cadeira nº 8, José Lopes de Abreu), é solista do Festival Amazonas de Ópera desde 2009, destacando-se por sua frequente participação. Interpretou papéis de destaque como Lucia em Lucia di Lammermoor (Donizetti), Rosalba em Florencia en el Amazonas (Catán), Musetta em La Bohème (Puccini), dentre outros. Sua sólida formação técnica caracteriza-se pelo refinamento vocal, consciência corporal e rigor interpretativo, o que lhe tem rendido excelentes críticas do meio. A soprano também é figura importante em eventos já consagrados como, Série Guaraná, Série Encontro das Águas, Especiais de Natal e etc. Na área pedagógica, a formação em música, regência, voz e canto, fundamenta seu trabalho como professora de canto,

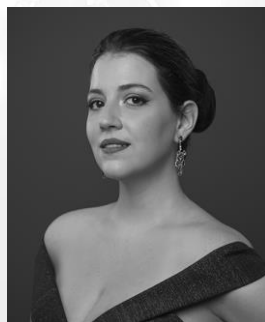
preparadora vocal e regente, especialmente no Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro, fazendo de seu nome uma marca de excelência



Eiko Senda

Soprano

A soprano, pedagoga e pianista Eiko Senda apresentou-se mais de 230 vezes em diferentes montagens de *Madama Butterfly*. Atuou como pianista acompanhadora e foi presidenta da Asociación Japonesa en el Uruguay até o ano anterior. Foi premiada pelo Ministro das Relações Exteriores do Governo Japonês com o prêmio de honra e compatriotas, além de receber o prêmio por atividades de intercâmbio cultural das mãos do embaixador Masami Takemoto — ex-professor e acompanhador do atual Imperador. É cofundadora, com Flávio Leite e Angela Diel, da Companhia de Ópera do Rio Grande do Sul (CORS), onde atualmente é vice-presidente e responsável pela formação de cantores e pianistas. Aperfeiçoou-se em aulas magistrais com Elisabeth Pleechn, especializou-se em canções alemãs em Dresden (Alemanha) e trabalhou o repertório lírico italiano com Franco Iglesias (Nova York). Além disso, é detentora de diversos prêmios em concursos internacionais.



Maria Gerck

Soprano

Natural de Niterói/RJ e Bacharel em Música pela UFRJ. Junto à Amanda Ayres e Tina França, é uma das idealizadoras do Festival Lírico de Niterói. Através de projetos do TMRJ e festivais internacionais, cantou em masterclasses de grandes nomes da ópera atual, como Piotr Beczala e Lisette Oropesa.

Em 2023 participou do Festival de Ópera de Zapopan, no México, onde debutou internacionalmente como Rainha da Noite em *DIE ZAUBERFLÖTE*. No Brasil, já trabalhou como solista nos maiores teatros e salas de concerto do Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba, entre óperas, missas e concertos, sob regência e direção de grandes nomes do meio, como Priscila Bonfim e André Heller-Lopes.

É premiada pelos maiores concursos nacionais, com destaque para seu prêmio de 1º lugar Feminino e o Prêmio Festival Amazonas no famoso Concurso Brasileiro de Canto Maria Callas (2021).



Mirian Abad

Soprano

Iniciou os estudos musicais no Centro Cultural Cláudio Santoro. Formada em Canto Lírico pela Universidade do Estado do Amazonas. Estudou canto com Natália Sakouro, Rosemeire Moreira, Isabelle Sabriè, Francisco Campos e Duany Parpinelli. Integra o Coral do Amazonas, Amazonas Baroque Ensemble e a Academia Amazonense de Música.

Em 2025, recebeu o prêmio "Ser Mulher Destaque" da Universidade UNINORTE, por sua contribuição na cultura do estado do Amazonas. Executou em concerto ou em cena: Varo em Ezio in Roma (Jommelli), Clóris em Guerras do Alecrim e Manjerona (Teixeira), Pamina em Die Zauberflöte (Mozart), Mimì em La Bohème (Puccini), Rosalinde em Die Fledermaus (J. Strauss), Liù em Turandot (Puccini), La Conversation em Les Plaisirs de Versailles (Charpentier), Damon em Acis & Galatea de (Handel), Trois poèmes de Mallarmé e Cinq mélodies populaires grecques (Ravel), Les Illuminations (Britten), All'ombra di sospetto (Vivaldi) e Europe (Blamont).

Realizou o concerto "Lírica Feminina Brasileira" dedicado ao repertório de compositoras eruditas brasileiras.

Em 2025, foi solista no espetáculo OCA Alla Rossini, no 26º Festival Amazonas de Ópera.



Samanta Costa

Soprano

Natural de Manaus, iniciou seus estudos musicais em 2006, focando inicialmente em clarinete, instrumento de sua primeira graduação em Música pela UEA. Em 2019, ingressou no Coral do Amazonas, motivando sua segunda graduação em Canto pela UEA. Durante sua formação, participou de diversos projetos musicais, incluindo o Madrigal Amazonas e o Ópera Studio da UEA, onde interpretou solos de ópera como Argilla em La Zingara, Dorabella em Così fan Tutte e Cherubino em Le Nozze di Figaro. Atuou também como professora e cantora no Coral Cosmos, com participações no Festival Amazonas de Corais e no Festival Amazonas de Ópera, onde interpretou a segunda Bruxa em O Menino Maluquinho.



Tamar Freitas

Soprano

Nascida em Manaus, desde cedo foi encantada pela música, iniciando estudos musicais com professora particular de música, e já adulta estudou com Professora Neide Thomaz, dentre vários outros professores. Em seu currículo tem obras executadas no Teatro Amazonas, tais como Réquiem de Mozart, Missa de Alcacuz (Danilo Guanais) e também no Festival Amazonas de ópera: Poranduba. Faz parte do Coral do Amazonas desde 1999.



Carla Rizzi

Mezzo-soprano

A mezzo soprano Carla Rizzi é uma artista versátil que usa sua voz para interpretar com notável naturalidade um repertório eclético. Carla cantou na ópera Rigoletto, premiada produção de Jorge Takla, sob a regência do maestro Roberto Minczuk, no Theatro Municipal de São Paulo. Cantou Nicolete na ópera "O Amor das Três Laranjas", sob a regência do

maestro Isaac Karabtchevsky e na obra prima de Gustav Mahler "Das Lied von der Erde" com a Orquestra Sinfônica de Santos sob a direção musical do maestro Luis Gustavo Petri. Realizou inúmeros musicais na Casa Julieta De Serpa como "Tributo à Clara Nunes". Carla é graduada em canto lírico pelo Conservatório Brasileiro de Música com especialização na Accademia Musicale Chigiana em Siena, Itália. Teve o privilégio de cantar o concerto em comemoração aos 250 anos de Beethoven onde esteve entre os solistas na 9ª Sinfonia com a Orquestra Sinfônica e Coro de Ribeirão Preto sob a regência do maestro Roberto Minczuk realizado e transmitido ao vivo direto do Theatro Pedro II em Ribeirão Preto. Cantou a ópera Auto da Compadecida, com texto de Ariano Suassuna e música de Tim Riscal, nas temporadas de 2022 e 2023 da Orquestra Ouro Preto, sob a regência do maestro Rodrigo Toffolo e direção de Chico Pelúcio e também participou do 24º e 25º FAO Festival Amazonas de Ópera interpretando a personagem Mrs. Sedley, da ópera Peter Grimes, de Britten, sob a regência do maestro Luiz Fernando Malheiro. Também sob a regência de Malheiro, cantou Flora na ópera La Traviata com direção de André Heller-Lopes no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Participou de IL Trittico, de Puccini, cantando o papel de Maestra Delle Novizie, na ópera Suor Angelica, sob a regência do maestro Carlos Vieu e direção cênica de Pablo Maritano. Em 2024 Carla cantou estréia mundial da ópera Hilda Furacão, com a Orquestra Ouro Preto, com música e libreto de Tim Riscal, sob a regência do maestro Rodrigo Toffolo e direção de Julliano Mendes, cantando o papel-título, no Theatro Municipal de São Paulo e também fez sua estréia como a cigana Carmen, de Bizet, pela Cia de Ópera da Lapa, sob a direção de Fernando Portari, na Sala Cecília Meireles. Carla é Porta-Bandeira da Escola de Mestre-Sala, Porta-Bandeira e Porta Estandarte Manoel Dionísio.



Juliana Taino

Mezzo-soprano

Sucesso de público e crítica, a mezzosoprano Juliana Taino é graduada em Música pela Faculdade de Artes Alcântara Machado (SP) e pós-graduada em Performance pela Alpha-FACEC. Foi vencedora dos concursos Jovens Solistas da Fundação Clóvis Salgado, Maria Callas e Linus Lerner, além de ter sido selecionada pela Academia de Ópera de Florença.

Desde 2011, atua nos principais teatros do país, com destaque como solista na 9ª Sinfonia de Beethoven, na Missa de Santa Cecília (Padre José Maurício) e no Stabat Mater (Pergolesi). No repertório operístico, participou de produções como Nabucco, La Traviata e Rigoletto (Verdi), The Rake's Progress (Stravinski), Pedro Malazarte (Guarnieri), Der Rosenkavalier (Strauss), Così fan tutte (Mozart), Porgy and Bess (Gershwin), Sonho de uma noite de verão (Britten), Maria de Buenos Aires (Piazzolla), A Ópera dos Três Vinténs (Weill), Vanessa (Barber), O Cônsul (Menotti), Il Turco in Italia (Rossini) e L'Enfance du Christ (Berlioz).



Raquel de Queiroz

Mezzo-soprano

Natural de Iranduba, Amazonas, iniciou seus estudos de canto lírico no Centro Cultural Cláudio Santoro, onde integrou o Coral de Câmara, regido pela Maestrina Natália Sakouro. Recebeu orientação da Soprano Eiko Senda, do Contratenor Sérgio Anders e do Tenor Juremir Vieira. Integrou o Madrigal Harmonia, o grupo de teatro Jiquitaia e a Caravana Literária, ao lado de grandes poetas amazônidas. Atuou como solista nos XIV, XV, XVII e XXII Festival Amazonas de Ópera (FAO), em Yerma, de Villa-Lobos, Suor Angelica, de Puccini, Dialogo das Carmelitas, de Poulenc e na série de concertos Mulheres da Ópera, onde interpretou partes de La Gioconda, de Ponchielli. Em 2012, cantou Flora, em La Traviata, de Verdi, em Manaus e no interior do estado. Em 2014 fez Rosina, de Il Barbiere di Siviglia, de Rossini. Em 2015 cantou Cherubino, de Le Nozze di Figaro, de Mozart e, em 2017, fez Papagena, em Die Zauberflöte, também de Mozart, com Amazonas Filarmônica. Em 2019, sob a batuta do Maestro L.F. Malheiro, cantou em um concerto de Zarzuelas. Em 2022, no FAO, fez a Mãe na produção de O Menino Maluquinho, de Ziraldo e, em 2023, participou de um recital no FAO cantando canções de Wagner e Santoro. É integrante do Coral do Amazonas desde 2011.



Yana Stravaganzzi

Mezzo-soprano

Natural de Manaus, a mezzo-soprano Yana Stravaganzzi iniciou sua trajetória no canto lírico em 2006, no Centro Cultural Cláudio Santoro, sob a orientação da professora Natalia Sakouro. Sua formação consolidou-se através de um olhar atento ao repertório de árias antigas, estudo que aprofundou a partir de 2009 sob a orientação do maestro Marcelo de Jesus, junto ao Madrigal da Casa de Música Ivete Ibiapina. Com uma presença vocal marcante e versátil, Yana integrou produções de grande relevância no cenário operístico e sinfônico amazonense, com destaque para sua atuação como o 3º Gênio em A Flauta Mágica (Mozart), a 3ª Bruxa em O Menino Maluquinho (Ernani Aguiar) e participações na grandiosa cantata Carmina Burana (Carl Orff), além de diversos recitais de câmara. Desde 2015, é integrante do Coral do Amazonas, corpo artístico onde atua intensamente em concertos, festivais e óperas. Unindo sua técnica vocal à paixão pela literatura, busca na música uma forma de expressão profunda, elevando a interpretação lírica através da sensibilidade artística e do rigor acadêmico.



Thalita Azevedo

Contralto

Contralto, integrante do Coral do Amazonas, bacharelada em Canto Lírico pela Universidade Federal do Amazonas. Sua carreira inclui performances notáveis no Festival Amazonas de Ópera, foi solista em "Peter Grimes" (Benjamin Britten), Adriana Lecouvreur (Francesco Cilea), A Flauta Mágica (Mozart), Ernani (Giuseppe Verdi), Faust (Charles Gounod), possui repertório sinfônico, música brasileira, barroca e os musicais Natividade, A Caixa mágica do Natal, Ceci e a Estrela, Pedro e Paula.





Cristhiano Silva

Tenor

Nascido em 23 de julho de 1980, iniciou sua formação musical aos quinze anos no Centro Cultural Cláudio Santoro, com estudos em violoncelo e canto lírico.

Desde 2004, integra o Coral do Amazonas, participando de produções do Festival Amazonas de Ópera, como Pagliacci, Carmen, Norma, A Flauta Mágica, Gianni Schicchi, La Gioconda, Otello, La Cenerentola, O Escravo e La Traviata, La Vorágine, entre outras. Destaca-se como solista em Carmina Burana, de Carl Orff, e na ópera Pagliacci, de Ruggero Leoncavallo, no I Festival de Ópera de Roraima, em Boa Vista.



Enrique Bravo

Tenor

Artista frequente nas principais casas de ópera e orquestras do Brasil, apresentou-se com a Filarmônica de Minas Gerais no papel de GONZALVEZ, na ópera A Hora Espanhola, de Ravel.

No Theatro Municipal de São Paulo interpretou PERI, na ópera O Guarani, de Carlos Gomes, DICK JOHNSON, em La Fanciulla del West, de Puccini, ISMAELE na ópera Nabucco, de Verdi, e PINKERTON em Madama Butterfly, de Puccini.

No Theatro Municipal do Rio de Janeiro interpretou CANIO em I Pagliacci, de Leoncavallo, e LUIGI em Il Tabarro, de Puccini.

No Theatro São Pedro de Porto Alegre, atuou como CALAF, na produção gaúcha de Turandot, de Puccini.

Atuou no Teatro Guaíra de Curitiba, interpretando a Nona Sinfonia de Beethoven, no Palácio das Artes de Minas Gerais como solista do Requiem de Verdi e no Teatro Vermelhos, em Ilhabela, em um Concerto de Gala de Fim de Ano ao lado da soprano Camila Provenzale.

Outros destaques de sua trajetória incluem os papéis de RAUL, na ópera Joanna de Flandres, e AMÉRICO, em Lo Schiavo, ambas de Carlos Gomes, com a Orquestra Sinfônica de Campinas.

Foi também solista convidado do Festival de Inverno de Campos do Jordão, no concerto de gala Verdi-Wagner, ao lado da Orquestra Sinfônica do Theatro São Pedro de São Paulo.

Participa ativamente das edições do Festival Amazonas de Ópera, onde já interpretou personagens como DON ÁLVARO, LENSKY, TAMINO, RICARDO, DOM JOSÉ, RODOLFO, EISENSTEIN, BOTO, JASÃO, CALAF, DESSANA, ERNANI e MANRICO.

Tem trabalhado com os maestros Roberto Minczuk, Luiz Fernando Malheiro, Fábio Mechetti, Roberto Tibiriçá, Amos Talmon, Alessandro Sangiorgi, Emiliano Patarra, Marcelo de Jesus, Victor Hugo Toro e Otavio Simões, além de diretores cênicos renomados como Emilio Sagi, Jorge Takla, Ronaldo Zero, Carla Camuratti, Cibeles Forjaz, Iacov Hillel, William Pereira, André Heller-Lopes, Arturo Chacón e Robert Driver.



Humberto Vieira

Tenor

Humberto Vieira, tenor amazonense e agente cultural, com uma trajetória artística consolidada há mais de três décadas, marcada pela integração entre música, literatura e educação. Dr. Honoris Causa em Belas Artes e Dr. Honoris Causa em Educação.

Diretor artístico e organizador de saraus e projetos musicais, no Centro Cultural Reunidos desde 2009, assim como em espaços acadêmicos e culturais, mantendo vivo o diálogo entre música, literatura e memória amazônica, atuou como preparador vocal em festivais nacionais, além de orientador de coros e grupos artísticos.

É membro imortal das academias: Academia Amazonense de Música; Academia de Educação do Brasil; Academia de Literatura, Arte e Cultura do Amazonas e Academia de Letras, Ciências e Culturas da Amazônia.

Cantou nas produções: Il Guarany; Lo Schiavo; Le Nozze di Figaro; Die Zauberflöte; Romeu e Julieta; ZAP – O Resumo da Ópera; Poema Sinfônico Colombo; Te Deum – Bruckner; Missa da Coroação – Mozart.



Humberto Sobrinho

Tenor

Tenor do Coral do Amazonas desde 2018, atuando em várias óperas, mas como é cantor crossover, gravou álbuns com bandas de rock, sendo: Rising Moangá (2002) e Equilibrium (2007) com a Glory Opera; Infallible (2009) com a Hangar, lançado no Japão e Europa e Fight or Fall com a banda europeia Achillea. Foi solista nos espetáculos Glorioso (2012 à 2014), A Night At The Opera (2013), Rocka – Clássicos do Rock com a Orquestra de Câmara do Amazonas no XVII FAO (2014), no musical “O Arauto dos Brinquedos” (2015) e nos espetáculos “All Star” e “Playbill” da Série Encontro das Águas (2019). Atuou como solista no 25º FAO na ópera O Contractador de Diamantes, de Francisco Mignone, Peter Grimes, de Benjamin Britten, nos recitais do FAO em 2024 e na ópera La Vorágine, de João Guilherme Ripper, além dos recitais do 26º FAO em 2025.



Juremir Vieira

Tenor

Natural de Porto Alegre, estudou na Escola de Música da OSPA, com Lory Keller. Em 1992, venceu o Concurso Jovens Sovistas, em Porto Alegre e o 1º Concurso Nacional de Canto Carlos Gomes, na Escola de Música do Rio de Janeiro. Em 1995, foi um dos vencedores do 5º Concurso Internacional de Canto Luciano Pavarotti, na Academia de Música da Philadephia EUA. Em 1996, mudou-se para a Europa, apresentando-se em vários países, tais como: Bélgica, Áustria, França, Itália, Sérbia, Romênia, Irlanda, Espanha e Alemanha, onde também fez concertos em Frankfurt e na Sala da Philarmônica em Berlin. Em St Gallen, Suíça, atuou por 14 temporadas, destacando-se Norma, Cavaleria Rusticana, Werther, Contos de Hoffmann, Turandot, e Dama de Espadas. Cantou no Morcego, em São Paulo, Aida, em Belo Horizonte, Il Trovatore e Tosca, no Rio de Janeiro, Pagliacci, em Brasília e Carmen e Fidélio, em Porto Alegre. Participou de diversos Festivais de Ópera de Manaus (FAO), cantando em Manon Lescaut, Adriana Lecouvreur, Lulu, Dessana, Alma e Menino Maluquinho. É, desde 2013, Professor de canto do Coral do Amazonas e, desde 2025, Preparador Vocal dos Corais Jovem e Adulto do Liceu Cláudio Santoro.



Wilken Silveira

Tenor

O tenor brasileiro Wilken Silveira iniciou seus estudos de canto na Escola de Música da Universidade Federal do Pará (UFPA), sob a orientação da professora Dra. Márcia Aliverti.

É fonoaudiólogo e especialista em Canto Erudito com Ênfase em Ópera. Possui formação pela Academia de Ópera do Theatro São Pedro (São Paulo) e pela Escola de Música do Estado de São Paulo (EMESP Tom Jobim), além de ser Técnico em Performance, com habilitação em Canto Lírico e Flauta Transversal, pela Escola de Música da Universidade Federal do Pará (EMUFPA). Realizou ainda aperfeiçoamento artístico no Ópera Estúdio do Theatro Municipal de São Paulo, consolidando sua formação no repertório operístico.

Foi vencedor do 1º Grande Prêmio Masculino no 23º Concurso Brasileiro de Canto Maria Callas (2025) e na seletiva GO Ópera – Guardiagrele (Itália). No I Festival Internacional de Ópera de Goiânia (GO), conquistou dois grandes prêmios, destacando-se nas interpretações dos personagens Rinuccio, da ópera Gianni Schicchi (G. Puccini), e Alfredo Germont, de La Traviata (G. Verdi). Em 2018, foi indicado ao título de Comendador da Medalha Carlos Gomes, concedido pela Sociedade Brasileira de Artes, Cultura e Ensino, no Estado de São Paulo.

Entre os principais papéis de sua trajetória operística, destacam-se Rodolfo (La Bohème, G. Puccini), Rinuccio (Gianni Schicchi, G. Puccini), Alfredo Germont (La Traviata, G. Verdi), Nemorino (L'elisir d'amore, G. Donizetti) e Tamino (A Flauta Mágica, W. A. Mozart), além de diversas participações em papéis secundários em festivais de ópera.

Como solista em concertos sinfônicos, interpretou obras de grande relevância do repertório sacro e coral-sinfônico, entre as quais se destacam a Missa Solene de Santa Cecília (Charles Gounod), Carmina Burana (Carl Orff), a Missa nº 6 em Mi bemol maior (Franz Schubert), a Missa in honorem Leonis Duodecimi (Francisco Manuel da Silva) e o Requiem (Antonín Dvořák).



Josenor Rocha

Barítono

É presidente de honra e fundador da Academia Amazonense de Música, ator, fonoaudiólogo, especialista em voz, artesão, radialista, natural de Tefé-Amazonas, foi Conselheiro de Cultura do Município de Manaus, ex-presidente do Sindicato dos Músicos Profissionais do Estado do Amazonas, tem se destacado em todas as montagens do Festival Amazonas de Ópera desde 1998 já como solista de ALMA de Cláudio Santoro (Dagoberto e Lobão) 1998 e 2019. AS BODAS DE FIGARO em 2005 e em 2025. O GUARANI; CONDOR; FOSCA; A FLAUTA

MÁGICA (homem de armadura, Papageno) 2004 e 2013; CARMEN de Bizet (Zuñiga, Escamillo); LA BOEHME; LA GIOCONDA; LA TRAVIATA, Verdi (Giorgio Germont); I PAGLIACCI; 9ª Sinfonia. Estudou canto lírico no Conservatório Brasileiro de Música/RJ, com o Tenor Ricardo Tuttmann e em Bologna/Itália com o Maestro-Barítono Mário Pazzaglia. Como ator participou no Rio de Janeiro da Peça Teatral "Na Virada do Século" no Teatro Gláucio Gil, Direção Mauro Silveira. Membro da Cia Pombal Arte Espaço Alternativo, onde apresentou vários trabalhos como Genoma, A Saga dos Mundurucu", é integrante do Coral do Amazonas à 40 anos. Seu último trabalho foi na Ópera Rita de Donizetti como Gásparo. É um dos Solista oficial da Cia de Ópera de Roraima e fará Elixir do Amor de Donizetti como Dulcamara e La Serva Padrona de Pergolesi como Uberto do II Festival de Ópera de Roraima em Agosto 2026.



Joubert Júnior

Barítono

Natural de Manaus, é Bacharel em Música (Canto) pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e Mestre em Teologia. Músico profissional inscrito na Ordem dos Músicos do Amazonas (nº 2313/1494), atua no gênero erudito com especialidade em Piano e Canto (Barítono).

Sua trajetória artística destaca-se pela atuação como solista do Festival Amazonas de Ópera e integrante do Coral do Amazonas. No cenário nacional, apresentou-se como solista no Concerto SESC em Rio Branco, Acre (2016). Com um vasto repertório operístico, interpretou papéis como Fígaro (As Bodas de Fígaro), Silvio (Pagliacci), Schaunard (La Bohème), Morales (Carmen) e Masetto (Don Giovanni), além de ter sido o barítono solista em montagens de Carmina Burana nos anos de 2019 e 2025. Paralelamente à atividade musical, exerce o ministério como Pastor.



Sunu Sun

Barítono

O barítono Seungwoo Sun, conhecido como Sunu Sun, vem se destacando nos palcos de ópera na Europa. Formado pela Hochschule für Musik und Theater Hamburg, concluiu Bacharelado, Mestrado em Ópera e Konzertexamen, tendo se aperfeiçoado com importantes nomes do canto lírico. Em 2025, participou da Internationale Meistersinger Akademie e recebeu a bolsa Berenberg. Foi vencedor do Premio Fausto Ricci e finalista em diversos concursos internacionais. Em seu repertório, destacam-se papéis como Don Giovanni, Conde Almaviva (Le nozze di Figaro) e Eisenstein (Die Fledermaus), além de apresentações como Guglielmo, Conde di Luna e Riccardo em teatros italianos. Em 2026, estreia como

Masaniello no Festival Amazonas de Ópera e como Leporello no Trentino Music Festival, além de integrar o Mascarade Opera Programme, em Florença.



Santiago Villauba

Barítono

Santiago Villalba é um jovem barítono talentoso com experiência tanto em ópera quanto em teatro musical. Sua maturidade vocal e presença de palco, combinadas com sua destreza técnica e habilidades interpretativas, têm impressionado consistentemente o público.

Em 2025, Santiago interpretou SHARPLES (Madama Butterfly), DANILO (A Viúva Alegre) e O FILHO (O Amolador de Facas) no Theatro Municipal do Rio de Janeiro (TMRJ), ESCAMILLO (Carmen) em Niterói, e OFICIAL (Friedenstag) no Theatro Municipal de São Paulo, entre outros compromissos.

Em 2024, ele fez sua estreia no TMRJ em "L'Elisir d'Amore" de Gaetano Donizetti como BELCORE, recebendo aclamação generalizada tanto do público quanto da crítica.

Em 2023, ele estreou na ópera "Um Homem Amarelo" de Cyro Delvizio. No mesmo ano, ele interpretou Tom Jobim e Miele em "Elis, o Musical", dirigido por Dennis Carvalho.

Em 2019, ele apareceu em "Merlin e Arthur, Um Sonho de Liberdade", uma produção encenada pela Aventura e dirigida por Guilherme Paes Leme. Além disso, ele atuou em "Pinóquio", uma opereta de Tim Rescala, apresentada pela Companhia PeQuod no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Em 2018, Santiago participou do musical "Romeu e Julieta ao som de Marisa Monte".

Desde 2013, ele é um membro-chave do elenco na Casa de Arte e Cultura Julieta de Serpa e no Teatro Cesgranrio, participando de diversos shows musicais e produções.

Ele participou de produções universitárias como "Ópera do Malandro", "Young Frankenstein", "A Ratoeira", "Gianni Schicchi", "Sweeney Todd" e "Die Fledermaus", dirigidas por encenadores como Menelick de Carvalho e Rubens Lima Jr.

Ele continua a aprimorar suas habilidades vocais e de repertório sob a orientação do tenor Eduardo Álvares.



Emanuel Conde

Baixo

Emanuel Conde é cantor lírico amazonense, com formação em Licenciatura em Música pela Universidade do Estado do Amazonas. Integra o Coral do Amazonas e, desde 2011, atua como solista no Festival Amazonas de Ópera. Ao longo de sua carreira, participou de diversas produções operísticas, destacando-se como solista em Manon Lescaut (Giacomo Puccini), Turandot (Giacomo Puccini), Peter Grimes (Benjamin Britten), Onde Vivem os Monstros (Oliver Knussen), Alma (Cláudio Santoro), Madama Butterfly (Giacomo Puccini, montagem FEMUSC) e La Bohème (Giacomo Puccini).



Luiz-Ottavio Faria

Baixo

A estreia mundial de Luiz-Ottavio Faria foi em "Un Ballo in Maschera", de Verdi, como Tommaso, junto ao tenor Carlo Bergonzi e ao barítono Fernando Teixeira, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro e Theatro Municipal de São Paulo. Mais tarde, cantou Commendatore (Don Giovanni), Ramfis (Aida), Sparafucile (Rigoletto), Sarastro (Die Zauberflute), Colline (La Bohème), Banquo (Macbeth), Oroveso (Norma) Zaccaria (Nabucco) e Timur (Turandot).

Entre suas principais atuações estão Jacopo Fiesco, da ópera Simon Boccanera, no Teatro Comunale di Bologna, na Itália, Zaccaria na ópera Nabucco, no Teatro Montpellier, na França, Timur, em Turandot, na Ópera de Toulon, na França Sarastro (Flauta) em Omã, Don Carlo no Teatro Colón de A Coruña, Espanha, Sparafucile no Rigoletto de Verdi, no Theatro Municipal de São Paulo e no Teatro Solis de Montevideo e na Ópera Nacional de Montpelier, e Trulove em The Rake's Progress de Stravinsky. Participou do XXII Festival Amazonas de Ópera, interpretando Don Ruy Gomes na versão em forma de concerto da ópera Ernani de Verdi, no Teatro Amazonas. Em Portugal interpretou Stromminger da ópera La Wally no Teatro São Carlos de Lisboa, em forma de concerto com Direção Musical de Antonio Pirolli.

Em maio de 2022 cantou a Sinfonia #9 de Beethoven com a Detroit Symphony Orchestra sob regência de Jader Bignamini.



Murilo Neves

Baixo

Desde sua estreia profissional em 2001, atuou em mais de sessenta produções de ópera nos principais teatros do país. Apresentou-se no Theatro Municipal do Rio Janeiro (Vodnik em Rusalka, Don Basilio em Il Barbiere di Siviglia, Dulcamara em L'Elisir d'Amore, entre outros), Theatro Municipal de São Paulo (Don Alfonso em Così fan Tutte, Colline em La Bohème, Il Doge di Venezia em Fosca), Palácio das Artes em Belo Horizonte (Raimondo em Lucia di Lammermoor, Roucher em Andrea Chénier), Theatro São Pedro em São Paulo (Le Bailli em Werther, Quintino em O Caixeiro da Taverna), e no Teatro Solís em Montevideo (Pistola em Falstaff). Participou de diversas edições do Festival Amazonas de Ópera, como Ferrando em Il Trovatore, Polyphemus em Acis and Galathea, Samuel em Un Ballo in Maschera, entre outros. Com a OSB Ópera e Repertório atuou como Trulove em The Rake's Progress, Truffaldino em Ariadne auf Naxos e Peter Quince em A Midsummer Night's Dream.



Roberto Paulo Silva

Baixo

Natural de Manaus, iniciou seus estudos de canto com o Tenor Paulo Valente, no grupo vocal Madrigal Kirie. Em 1992 passou a integrar o Coral do Amazonas. Através de concurso público, participando a partir de então de todas as edições do Festival Amazonas de Ópera tanto como coralista e sendo solista nas Óperas: A Flauta Mágica (Mozart) Amahl (J C Menotte), Gianni Schicchi (Giacomo Puccini), Die Fiedermaus (Johann Strauss) Ex aluno do Centro Cultural Cláudio Santoro e atuando como solista do Madrigal Cláudio Santoro, sob a orientação vocal da professora Natália Sakouro Bacharel em canto Lírio pela Universidade do Estado do Amazonas, onde integrou como solista a Orquestra Barroca do Amazonas atuando em concertos por todo o território brasileiro, incluindo gravações de cds. Também já foi professor de canto lírico e popular no Conservatório de Música do Amazonas.



Letícia Medella

Atriz

Com 30 anos de carreira e formada em atuação - Unirio. Como palhaça: atua há 12 anos em hospitais do RJ. É interina no Roda de Palhaço e integra os Doutores da Alegria RJ e integrou a Enfermaria do Riso. Espetáculos: Antes de Qualquer Coisa (Indicada CBTIJ e APTR), dir. Denise Stutz; Espera-se (Enfermaria do Riso/ Ana Achcar); Reprise de Novo (Roda de Palhaço) e Maestro Provisório (Johann Sebastian Rio). Números: La Espanhola, dir. John Mowat e Cuco Norueguês com André Rodrigues.

Como atriz: Corpo.com da Cia de La Mancha; Desato e Vamos Comprar um Poeta (premiada Botequim Cultural e CBTIJ, indicada Zilka), ambos dir. Duda Maia, As Comadres, dir. Ariane Mnouchkine; Thomas e As Mil e Uma Invenções (premiada CBTIJ e indicada Zilka Sallaberry e Botequim Cultural), dir. Fabiana Mello e Souza; Elis, A Musical, dir. Dennis Carvalho. Com direção de Gabriel Villela: Peer Gynt, A Tempestade, Mania de Explicação (indicada CBTIJ) e O Soldadinho e a Bailarina.



Eugênio Lima

Visagismo

Eugênio Lima é multiartista da cena cultural do Norte do Brasil, com atuação contínua desde 2005. Desenvolve trabalhos nas áreas de visagismo, caracterização, maquiagem, cabelo, coreografia, preparação corporal e produção cultural.

Sua trajetória é marcada pela criação de personagens e visualidades para ópera, teatro, dança, cinema e grandes eventos institucionais, integrando corpo, estética e dramaturgia como linguagem artística.

Com trabalhos reconhecidos em produções nacionais e internacionais, sua pesquisa valoriza a diversidade, a expressividade e a potência simbólica da cena amazônica contemporânea, estabelecendo diálogos entre tradição, contemporaneidade e identidade cultural. Atua como criador de visagismo e caracterização para grandes espetáculos e

festivais culturais, desenvolvendo identidades visuais que dialogam com dramaturgia, figurino e movimento cênico.





DIREÇÃO GERAL: CAIO ANDRÉ PINHEIRO DE OLIVEIRA
DIREÇÃO ARTÍSTICA: LUIZ FERNANDO MALHEIRO

27º FESTIVAL AMAZONAS DE ÓPERA

de 19 de abril a 31 de maio de 2026

Direção Artística: Luiz Fernando Malheiro

Direção Executiva: Flávia Furtado

FICHA TÉCNICA

EQUIPE FAO

DIREÇÃO GERAL

CAIO ANDRÉ PINHEIRO DE OLIVEIRA

DIREÇÃO ARTÍSTICA

LUIZ FERNANDO MALHEIRO

DIREÇÃO ARTÍSTICA ADJUNTA

MARCELO DE JESUS

PRESIDENTE DO FUNDO FAO

DIREÇÃO EXECUTIVA DO FAO

FLÁVIA FURTADO

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA

PEDRO GUIDA

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO EXECUTIVA

ALINE GURGEL

DIREÇÃO TÉCNICA

MARCOS APOLO

REGENTE ASSISTENTE DO FAO

OTÁVIO SIMÕES

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

SÉRGIO BIZETTI

PRODUTOR EXECUTIVO

PAULO ÉSPER

ASSISTENTES DE PRODUÇÃO

EMANUELE MONTEIRO

INÃ FIGUEIREDO

MIKAELA RAICHAM

DIREÇÃO DE CENA

ANA VANESSA

FERNANDO PORTARI

JULIANNA SANTOS

ASSISTENTES DE DIREÇÃO

ANDRÉ DI PEROLI

DIREÇÃO DE MOVIMENTO

MONIQUE ANDRADE

DIREÇÃO DE PALCO

ANDRÉ DI PEROLI

ASSISTENTE DE DIREÇÃO DE PALCO

EMANUELE MONTEIRO

CENOGRAFIA

CENÓGRAFO

RENATO THEOBALDO

CENOTÉCNICO

JANDER LEMOS

ASSISTENTE DE CENOGRAFIA

MANAR ZIND

ATÉLIE DE FIGURINO

FIGURINISTA

FERNANDA CÂMARA

MODELISTA

DANI TEREZA

VISAGISMO

VISAGISTA

EUGÊNIO LIMA

ASSISTENTE DE VISAGISMO

KEYTH NUNES
JAMYLLE JACKSON
AUGUSTO PONTES
ALICY TAVARES
LILIANE FERREIRA

MAQUIAGEM

NARRIMAN BRANDÃO

ASSISTENTE DE MAQUIAGEM

NARRIMAN BRANDÃO
LENICE RAMOS
BRUNA BORGES
JANE SOEIRO
JUSSARA DE ARAUJO
JESSICA CEZAR
JAQUELINE ALMEIDA
TABATTA ALMEIDA
EURY CÉLIA FALCÃO
LIANDRE DEOLINDA

PIANISTA CORREPETIDOR / ACOMPANHADOR

MATHEUS ALBORGHETTI
RENAN BRANCO

ILUMINADORA

KUKA BATISTA

ASSISTENTES DE ILUMINAÇÃO

LEONARDO SALES

FIGURAÇÃO

GABRIEL FREITAS - SALVATOR ROSA
JHONATHAN BRAGA - SALVATOR ROSA
YAGO ANDRADE - SALVATOR ROSA
BENNER SIQUEIRA - SALVATOR ROSA

ENGENHARIA DE GRAVAÇÃO

IGOR JOUK

TRADUÇÃO DE LEGENDAS

SALVATOR ROSA - PROF. BRUNO
FURLANETTO,
REVISÃO DE PROF. JAYME CHAVES
LA FAVORITA - JORGE COLI

CONFECÇÃO OPERAÇÃO LEGENDA

JEFFERSON NOGUEIRA
CELLY MONTEIRO MENDES

PRODUÇÃO

VLAANDEREN PRODUÇÕES CULTURAIS

FUNDO DO FESTIVAL AMAZONAS DE ÓPERA

CENTRAL TÉCNICA DE PRODUÇÃO

EQUIPE CTP

GERENTE

VALCIENE RIBEIRO DE FARIAS

ADMINISTRATIVO

EILEN MARIA DE SOUZA QUEIROZ

ASSISTENTE ADMINISTRATIVO

EDYMILSON ROSAS JÚNIOR

CENOTÉCNICO

FRED MÁRCIO DOS SANTOS BARBOSA
MARCOS RODRIGUES DE LIMA
KELVIN SANTOS DE LUCENA

MONTADOR DE EVENTOS

DOUGLAS SOARES DA SILVA
MOYSÉS DE ALMEIDA GARCIA

AUXILIAR DE COSTURA

SOLANGE RAMOS DA SILVA
ELIANE DE VASCONCELOS G. BATISTA

ADERECISTA

ARNALDO BARRETO ALVES

ADERECISTA

ARNALDO BARRETO ALVES

AADC**COSTUREIRA**

AULIXILIADORA MENDES NUNES

CAMAREIRA

CLEIDE REIS SANTANA

CENOTÉCNICO

EDUARDO MAIA COLARES

COPEIRA

MARLY REIS RABELO

PORTARIA

MANOEL ARISTEU SANTOS DA SILVA

**DEPARTAMENTO DOS CORPOS
ARTÍSTICOS****AMAZONAS FILARMÔNICA****DIRETOR ARTÍSTICO E MAESTRO
TITULAR**

LUIZ FERNANDO MALHEIRO

MAESTRO ADJUNTO

MARCELO DE JESUS

MAESTRO ASSISTENTE

OTÁVIO SIMÕES

VIOLINOS I.

ARIEL SANCHES (SPALLA)
NIKOLAY MUTAFCHIEV
GIOVANNY CONTE
ALEXANDRA TCHERKEZOVA
BÁRBARA SOARES
VLADISLAV MOTIN
BENÍCIO BARROS
FERNANDO LIMA
ONEL RODRIGUEZ
FELIPE FERNANDES
JAVIER CANTILLO
ALBERTO DENIS

VIOLINOS II.

IRINA GLIBKA
DENITSA MARINOVA
SVETLANA KOZLOVA
ELENA KOYNOVA
IGOR JOUK
DOUGLAS NÓBREGA
ELIDIELSON LOURENÇO
JONATAS SILVA E SILVA
ANTONINA MINENKOVA
PAOLA ARCHILA
WALLACE BISPO
CAIO PAIVA DOS SANTOS

VIOLAS

ROGELIO "KUKA" CHOQUE
GRETCHEN LABRADA
GABRIEL LIMA
VLADIMIR RUSEV
IHAR PANCHENKO
ALEX TEIXEIRA
DÉBORA BATISTA
RANI MELLO
ROSSINI ROCHA
VESELA BIBASHKA

VIOLONCELOS

ANTON MINENKOV
ADRIANA VELIKOVA
TIMÓTEO ESTEVES
ELIZIEL LOURENÇO DOS SANTOS
MIRELLA RIGHINI
GABRIELA NARDO
THIAGO BARBOSA
CAIO BRITTO
CONTRABAIXOS
MIROSLAVA KRASTANOVA
OCTÁVIO ARESE
SILVANEI CORREIA
BENTO ALESSANDRO SOARES
JORGE ANDRES URIBE ROJAS
ROGER VARGAS

FLAUTAS

ARLEY RAIOL
TATIANA GERASSIMOVA
CLÁUDIO ABRANTES

FLAUTIM

JESÚS ELBITAR

OBOÉS

JUDITH SIMON
EDMILSON ALVES
ADONAY VARELA

CORNE INGLÊS

HRISTO GANEV

CLARINETES

VADIM IVANOV
ANDRÉ LOVES
GLORIA SUBIETA

CLARINETE BAIXO

ELISMAEL LOURENÇO DOS SANTOS

FAGOTES

ALEXANDRE MOURZITCH
MATHEUS BARROSO
ISAAC FRANKLIM

CONTRAFAGOTE

WASHINGTON SANTOS

TROMPAS

DIEGO VIANNA
ALLAN FARIAS
ASSEN ANGUELOV
ADRIEL MEBORACH
WOLFGANG EBERT
MARK WIEBE

TROMPETES

MICHEL SALES
RUBENS SOUZA
WELITON NEVES
JOSÉ IVO PEREIRA
ANDERSON MEDEIROS

TROMBONES

HUGO PINHEIRO
MATTHEW LYNCH
OROMIDES REZENDE
ANDERSON RODRIGUES

TROMBONE BAIXO

MICAEL JOSÉ AUGUSTO

TUBA

SIDINEI ROSA

TÍMPANOS

ERICK FIGUEIREDO

PERCUSSÃO

ANDRIO DIAS
LEONARDO PIMENTEL
YURI LIMA

HARPAS

DIANA TODOROVA
NOEMI MELLO

PIANO

IRINA KAZAK

INSPETOR

LEANDRO MACHADO

ARQUIVISTAS

BIANCA CORREIA
CHRY S VEIGA FARIAS
RAFAEL FARIAS (ESTAGIÁRIO)
LAURY VELÁSQUEZ (ESTAGIÁRIA)

MONTADORES

ANDRÉ LUIZ ALENCAR
CLEITON SEVALHO
DANIELLE MOURA
ISRAEL SANTOS

CORAL DO AMAZONAS

REGENTE TITULAR: OTÁVIO SIMÕES
REGENTE ASSISTENTE: FABIANO
CARDOSO

PIANISTAS: HILO CARRIEL E RENAN
BRANCO

PREPARADOR VOCAL: JUREMIR VIEIRA

INSPETORA: CACILMARA BRAULE PINTO
PRIANTE

MONTADOR: GABRIEL MAIA

SOPRANOS

ALCILENE SICSÚ
CAROL MARTINS
CLEO CORRÊA
CYLENE SANTIAGO
DHIJANA NOBRE
JAIANA SILVA (MONITORA)
KÁTIA FREITAS
LÍDIA MENDES
LUCIANA CÁRITAS
MEIRE VIEIRA
MARIA JOSÉ OLIVEIRA
MIRIAN ABAD
REGINA SANTIAGO
TAMAR FREITAS

CONTRALTOS

ALINE QUEIROZ
ARLÉIA RIBEIRO
ELENIR BARBOSA
ELMIZA CARVALHO
IVANA SOUZA
KELLY FERNANDES
LIAN LUNNA PIRES
MARIA DE CASTRO LIMA
PATRÍCIA ALMEIDA
PATRÍCIA REBOUÇAS
RAQUEL DE QUEIROZ
SAMANTA COSTA
THALITA AZEVEDO
THELVANA FREITAS (MONITORA)
YANA STRAVAGANZZI

TENORES

CARLOS ALBERTO CORRÊA (MONITOR)
CRISTHIANO SILVA
DANIEL AMÓS MEDEIROS DA SILVA
ENRIQUE BRAVO
EVERALDO BARBOSA
GILMAR GRACIANO
HUMBERTO SOBRINHO
ISAÍAS MONTEIRO
IZAQUE CUNHA
JEFFERSON NOGUEIRA
JONATAN GONZALEZ
LUCIVAN DOS SANTOS
MIQUÉIAS WILLIAM
RONALD QUEIROZ
WILKEN SILVEIRA

BAIXOS

ALEX HERCULANO
ALEXANDRE THIAGO FROTA
DAVY CHAVES
DIÓGENES LIRA
ELIAS JISSO
EMANUEL CONDE
FABIANO SANCHI
ISAAC BRAGA
IVANEY LEITE
JOSE NOR ROCHA
JOUBERT JUNIOR COELHO
LUIZ CARLOS LOPES
MÁRCIO DA CRUZ
MOISÉS RODRIGUES (MONITOR)
ROBERTO PAULO SILVA

ORQUESTRA DE CÂMARA DO AMAZONAS

DIRETOR ARTÍSTICO E REGENTE TITULAR
MARCELO DE JESUS

VIOLINOS L

ALBERTO DENIS
ALEXANDRA TCHERKEZOVA
CAIO PAIVA
DENITSA MARINOVA
ELENA KOYNOVA (LÍDER)
FERNANDO LIMA

GIOVANNY CONTE
IRINA GLIBKA
JAVIER CANTILLO
NIKOLAY MUTAFCHIEV (SPALLA)
ONEL ZORRILA
SVETLANA KOZLOVA

VIOLAS

ALEX TEIXEIRA
GABRIEL LIMA
RANI MELO
VLADIMIR RUSEV

VIOLONCELOS

ADRIANA VELIKOVA
ANTON MINENKOV
ELIZIEL DOS SANTOS
THIAGO BARBOSA

CONTRABAIXO

ROGER SILVA VARGAS
JORGE ANDRÉS URIBE ROJAS

SECRETÁRIA

ANA ALICE ARAÚJO

MONTADOR DE ORQUESTRA

CLEITON DA SILVA SEVALHO

BALÉ FOLCLÓRICO DO AMAZONAS

FICHA TÉCNICA

DIREÇÃO ARTÍSTICA: MONIQUE ANDRADE

PESQUISADOR E COREÓGRAFO:
EDUARDO AMARAL

ASSISTENTE DE DIREÇÃO: MAGDA
CARVALHO

INSPETORA: SIMONE PICANÇO

MAÎTRE: VANESSA VIANA

ENSAÍSTA: RODRIGO COLARES

FISIOTERAPIA: ADSON DUARTE

COREÓGRAFOS DO XXVII FAO: MONIQUE
ANDRADE E EDUARDO AMARAL

BAILARINOS:

ALESSANY NEGREIROS
ÁRINA COSTA
GABRIELLA SEGADILHA
HARRYSON ARMANDO
IGOR BLACK
INGRID OLIVEIRA
ÍTALO BRITO
KESSY CAVALCANTE
LEANDRO ANDRADE
LUCIANO MORAES
LUANA OLIVEIRA
MACKSON BARRETO
MARCELA MACIEL
MAYK PARLON
MELL RODRIGUES
NAYARA FABA
REMILTON SOUZA
RICHARDSON JIMMY
ROBERTO PRINTES
TAINÁ AUSIER
THAYRA DO VALE
VITÓRIA FERNANDA

EQUIPE TEATRO

DIRETORA

ELIZABETH GUERRA CANTANHEDE

ASSESSORA DA DIRETORIA

GABRIELLY DA SILVA MASCARIN

GERENTE ADMINISTRATIVO

ALESSANDRA DE SOUZA MOURA

ESTAGIÁRIO DO ADMINISTRATIVO

THIAGO BENCHIMOL GOMES

JOVEM APRENDIZ DO ADMINISTRATIVO

SANDRA GABRIELA FERREIRA REIS
SAMUEL MENDES WESEN

GERENTE DE BILHETERIA

MARIA NONATA BATISTA MAIA MACIEL

SUPERVISOR DA BILHETERIA

EWERTON PAIVA MARQUES

BILHETEIROS

FERNANDO CARLOS PINHEIRO
GLAUCIO DOS SANTOS FONSECA
NAYME ANDRADE DE BRITO

GERENTE DE PROGRAMAÇÃO

ELLEN CRISTINA DOS SANTOS
NASCIMENTO

**ASSISTENTE ADMINISTRATIVO DA
PROGRAMAÇÃO**

NAIANA SOUSA CAVALCANTE

**AUXILIAR ADMINISTRATIVO DA
PROGRAMAÇÃO**

CLEMECY DE SOUZA BRUCE

ESTAGIÁRIAS DE PROGRAMAÇÃO

KLEYSILLY KELLY ARAGÃO DA SILVA
JÉSSICA FRAZÃO

GERENTE DE LOGÍSTICA

DÉBORA SILVA MARQUES

SUPERVISORES DE LOGÍSTICA

GEISE CRISTINA LOPES BEZERRA
JOSÉ ABÍLIO DE MOURA FARIAS
JUDITE LOUREIRO DA SILVA
RAIMUNDA LIMA DA SILVA

SUPERVISORES DE ESPETÁCULOS

ADRIANE GONZAGA DE OLIVEIRA

SUPERVISORA DE LOGÍSTICA EM ESPETÁCULOS

DAYANNA ARAÚJO PEREIRA
EDINAIRA SILVA ARAÚJO

ASSISTENTE ADMINISTRATIVO DA LOGÍSTICA

VICTOR DANIEL COSTA DIAS

ESTAGIÁRIO DA LOGÍSTICA

ENDREW DAVI IZEL NASCIMENTO

ELETRICISTA

DANIEL JHON ALVES DE SOUZA

AUXILIAR DE MANUTENÇÃO

JÚLIO CÉSAR GARCIA DE SOUZA

ARTÍFICES

RAIMUNDO NONATO SOUZA DOS SANTOS

CAMAREIRAS

ADRIANA BARROS
EDNÉA ROCHA DA SILVA
NILDA VERAS
MARIA DA CONCEIÇÃO SOUZA

AGENTE DE PORTARIA

JOSÉ PEREIRA BELÉM

GERENTE DE ESPETÁCULOS

MÁRCIA CRISTINA DA COSTA FERNANDES

SUBGERENTE DE ESPETÁCULOS

ANDRÉIA RAMOS PEREIRA

SUPERVISORES DE ESPETÁCULOS

ADRIANE GONZAGA DE OLIVEIRA

INDICADORES

MOISÉS SIMÕES DOS S. FILHO
RONILTON LEÃO DE SOUZA

ESTAGIÁRIOS DOS ESPETÁCULOS

KAMILLY EDUARDA DA S. CAETANO
MARCOS JOSÉ FERREIRA COLARES
FILHO
RAQUEL ROQUE RODRIGUES
MARIA TEREZA DA SILVA MICHILES

GERENTE DE TURISMO

ELISIA CRISTINA DE VASCONCELOS

SUBGERENTE DE TURISMO

RENATA MACIEL DA SILVA

SUPERVISOR DE TURISMO

VÍTOR REIS MASCARIN

GUIA BILÍNGUE

MILTON WILFREDO PAREDES ROMÁN
SAMIR TORRES PEREIRA

ESTAGIÁRIOS DO TURISMO

ANA LUÍZA DE AQUINO
ANNA SOPHIA BARBOSA DE ANDRADE
GEOVANA CRUZ DE CARVALHO
JOSÉ HENRIQUE VALE DOS SANTOS
LANA VIRGÍNIA FARIAS DE SOUZA
LENA ANDREIA BARBOSA DE BRITO YAGO
LEVI SOUZA DE ARAÚJO BORGES SINDY
LISANDRA DA CUNHA POLICARPO

JOVEM APRENDIZ DO TURISMO

MARIA LUIZA FARIA BARACHO DE
OLIVEIRA
MARRITON SANTOS DIAS JUNIOR

GERENTE DE CENOTÉCNICA

JOSÉ ROGÉRIO DOS REIS OLIVEIRA

**ASSISTENTE ADMINISTRATIVO DA
CENOTÉCNICA**

CYNDI CARVALHO DE MOURA

SUPERVISOR DE CENOTÉCNICA

ELIEZER BACELAR

TÉCNICOS DE ILUMINAÇÃO

ANDREZZA TABBATHA MELO SERRÃO
ELSON SANDRO ARAÚJO
FÁBIO DA SILVA NASCIMENTO
JEYDER SANTOS ELEUTÉRIO
LEONARDO TAVARES DE SALES
MARCUS YLMER BATISTA

TÉCNICOS DE SONORIZAÇÃO

FÁBIO GREY MORENO
MURILO ALVES ACIOLI

TÉCNICOS EM TRANSMISSÃO

JOSÉ WILLYCE ENES MAIA

MAQUINISTAS

BRUNO ROGÉRIO BASTOS
CABRAL NEVES DE MELO
LUCIANO ROBERT MAFRA
NIRLANDSON DA GRAÇA DIAS

CENOTÉCNICOS

EDSON SOUZA MELO
PAULO ROMANO GOMES
ZACARIAS OLIVEIRA

TÉCNICO EM PROJEÇÃO

ELIÉZIO LIMA DE BRITO

MONTADORES DE EVENTOS

AUGUSTO HARLEY GOMES DOS SANTOS
CARLOS ALEXANDRE AUZIER
DAVID WILLIAMS DA SILVA COSTA
FLÁVIO DOS SANTOS LEMOS
GLEICE BARROS

GERENTE DO ACERVO HISTÓRICO

SÍLVIA ANGELINA LIMA DOS SANTOS

**ASSISTENTE TÉCNICO DO ACERVO
HISTÓRICO**

MARIA NAZARENE MAIA

**ASSISTENTE DE DOCUMENTAÇÃO DO
ACERVO HISTÓRICO**

ALLAN DIEGO CARNEIRO

ESTAGIÁRIOS DO ACERVO HISTÓRICO

ANA KAROLINE GARCIA DE SOUZA
MARCIO HELI PINTO TEIXEIRA FILHO
SARA DUARTE MELO

SUPERVISOR CULTURAL

JORGE KENNEDY CAMPOS

EQUIPE SEC

ROBERTO MAIA CIDADE FILHO
GOVERNADOR INTERINO DO AMAZONAS

CAIO ANDRÉ PINHEIRO DE OLIVEIRA
**SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA E
ECONOMIA CRIATIVA**

CANDIDO JEREMIAS CUMARÚ NETO /
LUIZ CARLOS BONATES
SECRETÁRIOS EXECUTIVOS

JENNIFFER RIBEIRO
CHEFE DE GABINETE

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO E MARKETING

ERLEILSON BRITO
JAY MADSON
JHONNY LIMA
AMANDA BRASIL

AUDIOVISUAL

LUZ PINHEIRO
ADSON QUEIROZ
GLÁURIA SOBREIRA
CARINA MAIA
ABELLY CRISTYNE
RUI SOUTO
LUIZ GAJOLA
PABLO FONSECA
GEOVANE DA SILVA

FAO 27º FESTIVAL AMAZONAS DE ÓPERA

DIREÇÃO GERAL: CAIO ANDRÉ PINHEIRO DE OLIVEIRA

DIREÇÃO ARTÍSTICA: LUIZ FERNANDO MALHEIRO



Lei Rouanet

APRESENTA



PARCERIA



APOIO



Secretaria de
Estado de Educação
e Desporto Escolar

Secretaria de
Estado de Cultura e
Economia Criativa



GOVERNO DO
AMAPÁ
A FORÇA DA NOSSA GENTE

REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA
CULTURA



DO LADO DO POVO BRASILEIRO